

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso. 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO

E

OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

A chronica dos bastidores do maravilhoso scenario parlamentar não regista episodio mais commovente do que esse da renuncia do sr. Cassiano do Nascimento ao bastão de *leader*, sempre empunhado com maestria, com segurança, com amabilidade e energia, qualidades cujo concurso, na sua succulenta pessoa, se combinavam numa incontestavel capacidade para o commando daquella legião indisciplinada pela preguiça de comparecer ás sessões, pela preguiça de votar.

Nos ultimos dias de paroxismo da ultima sessão, num desses momentos solemnes, em que era preciso esfolar a cauda do orçamento sobrecarregada de concessões, de auctorisações, para que o governo não ficasse ás cascas, sem lei de meios, via-se o illustre *ex-leader*, suando esbaforido, cavar votos, arrebanhando deputados para o aprisco do recinto onde se resolvem os altos destinos da Patria. Elle pedia, rogava, com os protuberantes olhos marejados de lagrimas de ternura, e pedia aos recalcitrantes que o ajudassem a exprimir o carnicão daquelle furunculo—o orçamento—a ameaçar de infecção as instituições democraticas.

A função era difficil, penosa, ingrata e, além de tudo isso, absurda, porque não se comprehende o papel de um *leader*, senão como director de um partido, deante de outro partido, com programmas dissidentes e exigindo por isso um general que lhe organise os movimentos, lhe guie a acção nas incruentas batalhas parlamentares. Mas os partidos fôram engolidos pelo sr. Campos Salles e se confundiram no bucho da *Concentração*, digeridos, reduzidos á materia de que se modelou a politica dos governadores; fôram substituidos por essa unanimidade esmagadora, gravitando, com a força bruta da ignorancia, em torno do pe-

destal do poder, numa obediencia archipassiva. Desde então, o trabalho do *leader* se resumiu numa canceira de conduzir um rebanho, de ser uma especie de madrinha, de pennacho e campainha ao pescoço.

Falando com a justiça devida ao illustre representante gaúcho, devemos dizer que s. ex. não se achava a commodo nessa função, que poderia ser ornamental, que poderia ser fonte de influencia, de direitos ás graças do governo e da qual jámais se prevaleceu, valha a verdade, para proventos pessoas; mas não se harmonisava com as suas qualidades combativas, tão brilhantemente demonstradas, quando havia opposição, quando, em justas memoraveis, commandava os seus bravos amigos e correligionarios ao assalto contra os amigos do governo.

O honrado sr. Cassiano do Nascimento regressou do sul, triste, de uma infinita tristeza de esphinge, encapotado num proposito mysterioso, refusingo manifestações francas, mesmo aos mais intimos, que anceiavam por beber-lhe dos labios polpudos a palavra de ordem respeito ao assumpto vital, — a successão do sr. Rodrigues Alves. O seu amoroso coração, acorentado á gratidão que escravisa os mais fortes, balançava, timido, entre as candidaturas em fóco, aguardando o momento da escolha definitiva, porventura uma conciliação, um accordo cordeal, que evitassem a desaggregação da unanimidade e mantivesse unidos nas mesmas crenças, nos mesmos idéaes, na mesma acção, os antigos amigos. O vallo da dissidencia estava, infelizmente, demasiado largo: não era possivel a um homem de estatura regular manter-se com um pé num lado e o outro na banda opposta, attitudo muito incompativel com os habitos e as idéas radicaes do illustre pelotense.

S. ex. falou, — dizem os jornaes — lamentou achar-se em divergencia

com o chefe da Nação, divergencia que o obrigava a esquivar-se de uma velha confiança e lhe impunha o sacrificio de acompanhar os seus amigos que são, naturalmente, os amigos do general Pinheiro Machado, o Bayard dos pampas, irreductivel na campanha desesperada para a conquista do impossivel.

Que um homem abandone o poder por outro poder mais forte, comprehende-se, e está nos preceitos da moral politica; abandonar a eminente posição de representante, de instrumento da omnipotencia para se confundir nas fileiras de opposição condemnada á derrota, excede a quanto se tem celebrado como heroismo, como abnegação.

Ahi está porque o sr. Cassiano do Nascimento se avolumou aos olhares curiosos como um homem fóra da craveira vulgar, fóra da moda, um verdadeiro heróe, desses cuja fórmula parecia gasta, desfigurada pelo attricto da politicagem.

\* \* \*

Foi uma scena commovedora essa do conclave das bancadas para a cerimonia da passagem do bastão de *leader* das mãos gordas do sr. Fernando Prestes para as delicadas e macias mãos do sr. Carlos Peixoto. Um calefrio de ternura invadiu os corações: havia em todos os olhos o luminoso esmalte de lagrimas reprimidas, e o general Paula Guimarães se ausentou, axphyxiado por forte nó na garganta, para não desatar em pranto deante dos seus commandados.

A escolha das bancadas foi excelente, foi acertada porque o joven mineiro é um bello moço, sympathico, juntando ao encanto de um olhar, que não ficaria mal num formoso rosto de mulher, a eloquencia de uma palavra suave, abemolada, insinuante, palavra cantante, como a do sr. Gastão da Cunha, em verdadeiro contraste com a do *ex-leader*, cuja palavra arranha como uma lixa.

Além dos dotes physicos, de superior valia para es cargos eminentes, o *leader* mancebo é um orador; tem febra de luctador. E é pena que não encontre adversarios a lhe provocarem a exhibição dos dotes combativos, nas discussões que, em saíndo do assumpto — acontecimentos de 14 de novembro — são frias, manhosas, como uma conversa em familia, ou ligeiramente agitadas em rugas lentas, como as da superficie de um pantano.

A escolhia foi magnifica e teve a alta significação de demonstrar que, para guiar aquelle rebanho pelo caminho liso da obediencia, não são precisos esforços de experiencia, de musculos, de cerebros afflictos e affeitos ás terriveis luctas da vida: uma creança basta.

\*  
\* \*

O novo *leader* traz, nos seus delicados musculos de adolescente, todo o *muque*, toda a seiva da grande, da nobre terra de Tiradentes, com as suas classicas e alterosas montanhas, com o seu proteccionismo e o incondicionalismo, tambem classico, do nunca assás chorado Sylviano Brandão, digno antecessor do sr. Francisco Salles.

Minas é um colosso; sua sombra, na opinião de um compatriota de Cervantes, seria bastante para esmagar as maiorias mais compactas, as combinações politicas mais engenhosas; mas é um colosso pacato, sem máus bófes, de uma cordura patriarchal, que está por tudo, comtanto que lhe não perturbem a doce quietação de monstro.

E' bem possivel que, á iniciativa intelligente do joven *leader*, Minas desperte do torpor, abandone a attitude de passividade pachorrenta, para agir como elemento decisivo na solução dos problemas que estão agitando a monotona placidez da politica. E já se diz, á puridade, que a honrosa confiança do governo para dirigir os trabalhos da Camara, não implica solidariedade de pensamento e de acção, entendida pelos preceitos de moral politica, que determinaram a lamentavel renuncia do sr. Cassiano do Nascimento.

A tarefa de ser lingua do governo, de ser espirito-santo de orelha dos deputados nessa cauda de sessão,

difficil de esfoliar, é penosa e complicada, porque é preciso contentar a todo o mundo e ao papae, que está com o dedo na fenda do cofre das graças e na raclia das urnas, pondo á prova as adhesões sinceras e acenando com recompensas magnificas aos filhos obedientes.

A capacidade, os reconhecidos talentos do joven *leader* justificam as esperanças do mais completo exito, na continuação das tradições gloriosas do seu antecessor, um *leader* que valia quanto pezava...

POJUCAN.



A titulo de curiosidade litteraria, como uma pagina intima do Japão desconhecido, traduzimos o seguinte artigo de Emerson, notavel correspondente da guerra, editado na *Revue*, de Pariz.

#### A ALMA CAVALHEIRESCA DO JAPÃO

Ella se exprime em uma só palavra: *Bushido!* cuja traducção litteral: Regras de conducta dos guerreiros, ou deveres da cavallaria, ou, em termo mais breve, cavallaria. *Bushi* é uma palavra sino-japoneza, que significa sentinella, escolta, como no inglez — *Knight* — e no allemão — *Kenecht* — em sua accepção primitiva. Entre os japonezes, é synonymo de Samurai — o homem de dois sabres do Japão feudal; foi, depois, applicado a todos os combatentes japonezes do exercito e da armada.

A Alma do Japão! — tal é o sentido dado por distinctos escriptores, como o barão Suzematsú e o dr. Inazo Notibê; seria, entretanto, mais exacto traduzil-o — O Espirito do Japão.

Diz-se tambem — *Yamato* — *Damas-hii*, para dar a idéa do Espirito do Japão; mas esta expressão é symbolica: allude á flôr da cerejeira, que é tambem o emblema da marinha japoneza. Eis, a este respeito, uma citação do poeta Motoori:

*Illas abençoadas do Japão.  
Si estrangeiros tentarem penetrar o espirito de Yamato, dizei-lhes:*

*A flôr da cerejeira desabrocha, selvagem e perfumada, aos raios roseos do Sol Levante.*

I

Foi ao *Bushido*, crêem os japonezes, que devem os seus successos passados e as suas victorias actuaes contra os russos. Esta convicção, partilhada pelo estado maior general, procurou o marechal Yamagata exprimir, enviando aos addidos militares estrangei-

os e a alguns de nós, correspondentes da guerra, junto do exercito japonéz, um exemplar, em edição de luxo, do famoso livro do dr. Notibê, sobre o *Bushido*. Neste livro, cujo original é em inglez, o auctor escreveu:

«Diz-se que foi aos seus canhões Krupp e aos fuzis Murata que deve o Japão a victoria da ultima guerra, e esse successo foi resultado dos estudos militares modernos. Isso, porém, sómente em parte é verdade. Os canhões e os fuzis mais modernos não atiram sós. O mais perfeito systema de educação militar não póde fazer de um cobarde um heróe. Não; as batalhas do Yalú, da Coréa, da Mandchuria, fôram ganhas pela alma de nossos paes, guiando os nossos braços e pulsando em nossos corações. Ellas não morreram; não morreu o espirito dos guerreiros nossos antepassados. Aquelles que têm olhos pódem vel-os distinctamente. Os nossos homens, tendo as idéas mais modernas, conservam inteiras no coração as tradições do passado. Com razão, dizemos: raspai um japonéz e achareis um Samurai.

Corresponde a esse proverbio francez: raspai um russo e encontrareis o tartaro. Foi um russo — caso curioso — que mais francamente emittiu a theoria de que na guerra, não é a perfeição das armas, nem a superioridade do numero nem o genio dos chefes que alcançam as victorias e apparellham o exito: mas o espirito dos homens atrás dos canhões e o espirito do povo atrás dos homens. Este ensiuamento se encontra no livro de Tolstoi — *Guerra ou Paz*. Em outro livro seu — *A Physiologia da Guerra*, insiste nesse assumpto de modo ainda mais preciso:

«A sciencia militar julga a força das tropas pelo numero. Napoleão disse que o Deus das batalhas estava sempre ao lado do maior numero de batalhões.

«Tal asserção, segundo a sciencia militar, faz repousar a força de um exercito sobre a theoria de mechaunica que, considerando corpos em movimento e sómente em relação ás suas massas, affirma que a sua força de movimento é igual ou desigual, conforme a sua massa é igual ou desigual. Na guerra, o movimento das tropas é o producto da massa multiplicada por  $x$  — uma quantidade desconhecida.

«A sciencia militar, tendo verificado por numerosos exemplos na historia, que as massas de tropas não correspondem á força dos exercitos, e que pequenos destacamentos venceram outros mais consideraveis em numero, admite, confusamente, a existencia de um factor desconhecido, que ella tenta explicar, ora por combinações geometricas, ora por differenças no armamento, mas, sobretudo, por lhe

parecer isso mais simples, pelas diferenças no genio dos chefes.

«Em vão, se attribue essa faculdade ao alludido factor: os resultados não se harmonisam com os factos historicos. Deve-se renunciar essa falsa idéa, tão cara aos creadores de heróes, de que o *x* do problema depende das disposições bem tomadas, concebidas e executadas na guerra.

«O *x* é o espirito das tropas, é o desejo mais ou menos intenso de todos os homens de se baterem sem considerar si estão ás ordens de um homem de genio ou de um imbecil; si se batem em duas ou trez linhas; si estão armados de maças ou de canhões de 30 tiros por minuto.

«Os homens dispostos á batalha se collocam sempre na posição mais vantajosa para a lucta. Os homens que se inquietam mais com a victoria do que com o risco de morrer, são considerados superiores áquelles que preferem escapar sãos e salvos. O espirito do exercito é o factor que, multiplicado pela massa, dá como producto o poder.»

A theoria de Tolstoi, levada, conforme o seu habito, á extremidade do raciocinio, encontrou admiravel confirmação na queda de Porto-Arthur. Admittindo que todos os outros successos dos japonezes contra os russos, em terra, sejam devidos a uma estrategia superior ou á superioridade numerica em tempo util, a tomada de Porto-Arthur resultou, quasi inteiramente, da superioridade do espirito de combate dos japonezes. Não se deve esquecer que foi sómente deante daquela fortaleza que as listas das perdas japonezas assaltantes fôram mais consideraveis de mortos e feridos. A verdadeira batalha de Nanshan, onde elles perderam cinco vezes mais homens que os adversarios, foi ganha por um impulso irresistivel dos soldados nippons. A opinião de um notavel estratéga allemão, na *Gazeta Militar*, de Berlim, que a posição de Kinchow foi tomada aos russos por um movimento strategico de flanco da infantaria japoneza, não é procedente, considerando que a estreita facha de terra, attingindo a Nanshan, tem apenas 4 kilometros de largura e que a linha dos fortes russos se estendia, de cada lado, até á praia. Além disso, o reforço tardio levado a um dos flancos pela artilharia dos barcos japonezes, foi compensado por identico reforço dos barcos russos, empenhado no outro flanco: um assalto de infantaria, executado em tão limitado espaço, tendo alguns dos assaltantes da direita de entrar n'agua, não se póde chamar um ataque de frente.

Quanto á queda de Porto-Arthur, é verdade que o general Stoessel pretendeu que suas forças eram inferiores ás sitiadas, na proporção de um para

trez, e que estavam exgotadas as suas munições de sitio, coisa que se não provou com factos. Na epocha em que elle me dizia, em Porto-Arthur, que os seus grossos projectis não eram sufficientes para resistir a um ataque, eu sabia pelo general Kondratenko, que bastariam ainda para muitos mezes. A opinião do general Stoessel, na mesma occasião, era que as forças sitiadas daquela praça se elevavam a mais de 120.000 homens; ao passo que ellas, como verifiquei depois, no quartel general de Nogui, montavam, apenas, a 50.000 soldados.

Foi o *Bushido* que conquistou Porto-Arthur. O principal partidario do *Bushido*, sobrevivente, é, na opinião dos japonezes, o general Nogui que, entre os *bushi* proeminentes na guerra, só tinha um rival de valor igual ao seu, o commandante Tákeo-Hirose, que deu a vida para salvar um de seus homens, na desesperada tentativa de Togo para fechar a entrada de Porto-Arthur. Foi Hirose que compoz um canto de cysne para a sua morte, dirigido ao Sol Levante e ás Flôres da Cerejeira do Japão. Foi elle tambem quem introduziu uma novidade na vida militar, escrevendo do campo de batalha cartas aos amigos na Russia, dizendo-lhes quanto lamentava que a sua amizade fôsse interrompida pela explosão da guerra. Hirose renunciou, provavelmente, a uma moça que amava, porque era russa, e a guerra com o paiz della era inevitavel.

Esse heróe popular era, com suprema distincção, um luctador do *jiu-jitsu*, o sport nacional do Japão. Toda a nação tomou lucto quando elle morreu e seu nome foi escripto no templo da fama como um dos deuses da guerra do Japão. A sua affirmacão, ao morrer, de que voltaria á vida sete vezes para combater pelas gerações futuras, foi com fé cega acceita pela nação.

Sem o ardor romantico e o encanto que distinguiam Hirose como o marinheiro poeta da sua raça, Nogui, embora tenha passado a adolescencia, não está menos no espirito de todos os japonezes, a par de todos os heróes: é tambem poeta, profissional do *jiu-jitsu* guerreiro, e sobretudo um campeão de nota na esgrima do sabre e um amator de cavallos, predilecção muito rara entre os seus compatriotas, geralmente homens do mar. Diz-se que os seus cavallos de batalha tinham em Tokio melhores aposentos que a sua familia. Quando viviam os filhos, Nogui era capaz de resistir aos dois na esgrima com sabres de Samurai. As suas proezas como luctador datam da mocidade: durante a guerra da restauração, tendo recebido um golpe na perna, conseguiu, em lucta corpo a corpo, agarrar os dois adversarios e lançar-se com elles n'agua, salvando-se depois.

Como poeta, a curta e tocante poesia que elle compoz, quando lhe morreu o filho mais velho em Porto-Arthur, bastaria para lhe dar notoriedade:

«Desolado e triste é o aspecto do campo de batalha, onde a carnificina se estendeu por muitas milhas. O ar está ainda saturado do cheiro de sangue que ensopou a terra.

«E parando deante da fortaleza de Kinchow, illuminada pelos raios do sol poente, faltam-me palavras para exprimir meus tristes pensamentos. Mas... vêde: até o meu bravo cavallo de guerra baixa a cabeça.

Inumeraveis poemas cantaram a gloria de Nogui e de seus filhos mortos no campo de batalha. Segue-se uma poesia, enviada do paiz natal por um desconhecido:

«O irmão mais velho era o mais bravo dos bravos, era Katsunori.

O mais moço, Yasunori, era corajoso e perfeito.

Seu pae, o general, chamava-se Akinori: era firme, indomavel.

Quando te trouxeram um delles morto, retardaste os funeraes, esperando os outros dois para serem sepultados os trez no mesmo tumulo.

Morrer combatendo é a sorte commum dos guerreiros.

Lá em Nanshan, no ardor da lucta, o filho primogenito tombou deante do inimigo.

Depois, em Porto-Arthur, quando silvavam os obuzes,

O ramo mais moço foi quebrado, arrancado do tronco».

Nogui, á noticia desses desastres, manteve o semblante calmo, como sempre, sem o menor signal de tristeza no meio do lucto geral.

Mas, que agonia daquela mãe acompanhando o carro funebre do seu primogenito? A sua dôr, entretanto, não era maior que a do povo inteiro chorando seus filhos.

Em epocha longinqua, já trez leaes senhores de Kusunoki haviam perdido os filhos no campo de batalha pelo seu soberano: a esse glorioso exemplo, celebre na historia do Japão, se juntou o heroismo dos trez Nogui, cujos feitos d'armas figurarão sempre na historia da queda de Porto-Arthur.

## II

E' tão difficil explicar, *ex abrupto*, os principios do *Bushido* quanto seria expôr, em algumas palavras, os da cavallaria dos paizes occidentaes. O mais que se póde fazer é citar exemplos de alguns dos mais famosos heróes japo-

nezes que personificam o *Bushido*, como Bayard, o cavalleiro *sans peur et sans reproche*, personifica a cavallaria franceza. Procuramos, pois, dar uma idéa dos principaes pontos da educação de um *Bushi*.

Na epocha feudal, ella comprehendia a esgrima, o tiro de arco, o *jiu-jitsu* (a lucta) o *yawara* (a arte de se defender), a equitação, a tactica militar, a escripta, a poesia, a musica, a historia e a moral. O *yawara*, nobre arte japoneza ou o propria defeza, é uma combinação de lucta, sôcco e pontapés, com o fim principal de pôr o adversario fóra de combate, aturdindo-o, sufocando-o até ficar insensível ou inoffendendo-o.

A escripta ou a arte de escrever fez, no Japão, consideraveis progressos. Além dos velhos caracteres chinezes de varios generos, ha duas especies de idéographicos: o *Katakana*, o *Xiragana*, aos quaes se devem accrescentar as misturas de caracteres chinezes e japonezes, como o *Kana manari*, o *Kanatsuki*. Cada idéographo tendo uma significação e formando muita vez pequenas pinturas em hieroglyphos, tem um especial valor artistico, variando de perfeição conforme o talento do auctor. Um proverbio japonês diz que se pôde julgar um fidalgo pelos caracteres que elle escreve.

E' de notar que a educação militar japoneza, nos tempos feudaes, desprezava um dos mais importantes ramos da sciencia militar moderna, as mathematicas. Os antigos *Bushi* se vangloriavam de não saberem contar, sobretudo o dinheiro, exactamente como os cavalleiros da idade média na Europa, os quaes desprezavam o estudo dos livros. Os filhos dos guerreiros japonezes se educavam na ignorancia do valor das moedas. Os nobres abandonavam os negocios financeiros aos seus intendentes que, na escala social, occupavam logar inferior ao do ultimo Samurai. Falar em dinheiro era de homens sem educação. Com o correr dos tempos, tudo isso mudou: as mathematicas occuparam logar importante na educação militar, e o tiro de arco foi substituido pelos de carabina e canhão.

A parte mais notavel da educação de um *Bushi* era a moral, que nós chamamos ethica, cujo vasto dominio poderia ser descripto em muitos volumes. O dr. Inazo Notibê escreveu sobre o assumpto um livro, affirmando que a base fundamental da moral do *Bushido* estava no ensino de Budha, no culto dos herões, dos antepassados ou do Shinto, que é a religião nacional do Japão.

Assim, exaltam-se com excesso a verdade e a lealdade, os dois dogmas essenciaes do budhismo, como as mais altas virtudes do *Bushi*; ao lado dellas, a coragem physica não passa

de uma qualidade exigida do simples soldado. A verdadeira coragem — diz um proverbio do *Bushido* — consiste em cumprir o dever. Um principe de Mito dizia:

«O palhaço mais ordinario pôde lançar-se no mais espesso de uma batalha e ser morto. E' preciso uma verdadeira coragem para viver, quando a vida é penosa e para só esperar a morte, quando se deve morrer. O Samurai tinha termos especiaes para a coragem de um nobre e para a coragem de um scelerado. A morte de um homem por uma causa indigna dizia-se: a morte de um cão».

Acima de tudo, estavam a verdade e a franqueza.

A verdade — dizia um antigo Damio famoso — é necessario para manter o caracter de um *Bushi*, como o esqueleto é necessario ao corpo. Assim como não nos podemos manter de pé sem os nossos ossos, não bastam, para tornar um Samurai um homem completo, a simples coragem, a erudição e outras qualidades notaveis.

Outro, não menos celebre, expoude os principios do *Bushido*, definiu a verdade: o poder de uma vontade honesta. Expressiu o seu pensamento assim:

«Ser verdadeiro para si mesmo e para outrem é adquirir uma força que não hesita em fazer a coisa desejada na occasião desejada, em ferir quando se deve ferir; em morrer com bravura quando é opportuno morrer.»

O Samurai, em sua linguagem, trata da verdade, da lealdade, da coragem, conjunctamente, confundindo-lhes a significação.

Como na cavallaria dos povos occidentaes, a palavra *verdadeira* se tornou um termo geral e — *verdadeiro cavalleiro* pôde significar quasi tudo — bravo, leal ou, simplesmente, respeito. A palavra *gishi* (litteralmente, homem franco) tornou-se synonymo de *Bushi* ou Samurai. Os 47 Ronins, famosos partidarios do senhor de Ako, que consagraram a sua existencia á vingança da morte de seu amo e se suicidaram logo que conseguiram esse fim, são, ordinariamente, os 47 *gishi*.

O *Bushi-no-itsi-gon* — a palavra de um Samurai, era sagrada: ter de dal-a por escripto ou exigir-lhe um testemunho, era humilhante. Uma canção japoneza assim se exprime: «Devem todos acreditar num Samurai, que está acima do commum dos homens como a flôr da cerejeira, a rainha das flôres, está acima das outras: elle jámais falta á sua palavra.»

São innumeraveis as narrativas celebrando o amor do Samurai á verdade e ao sentimento de honra.

Eis um exemplo, o de Mori Rammarú, pagem favorito de Ota No-

bunaga, o Shogun predecessor do grande Hideyoshi:

Nobunaga viu, um dia, o pagem contando os circulos que ornavam a bainha de um sabre precioso. Desejando fazer presente dessa arma ao favorito, sem provocar ciúmes, o Shogun propoz offerel-a áquelle do seu sequito que advinhasse o numero exacto dos circulos. Enquanto os outros se esforçavam por obter o premio, Rammarú permanecia silencioso. Por fim, perguntou-lhe o Shogun porque não tomava parte no concurso.

Men senhor — respondeu-lhe o pagem — não seria honroso para mim pretender advinhar o numero de circulos que eu já contei. Como ninguém advinhasse, o Shogun lhe deu o sabre. Este mesmo pagem avisou Nabunaga da revolta de palacio que lhe custou a vida. Notára que Akechi Mitsuhide, poderoso vassallo do principe, assistia a um banquete no palacio, mostrando-se tão perdido em pensamentos, que deixára cair da mão os bastonetes de levar a comida á bocca. Sabendo que Akechi tinha a reputação de escrupulosos habitos, convenceu-se o pagem de que sómente uma conspiração poderia absorver o vassallo ao ponto de o fazer incorrer em quebra da etiqueta da meza. O Shogun não ligou importancia a esses receios, que considerou exaggerado e devidos ao ciúme. Algumas noites depois, rebentou a revolta, e o pagem Samurai morreu combatendo ao lado de seu amo e senhor.

EMERSON.

(Continúa)

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DE PERIBEBUY Á PATRIA

Depois do combate de Peribebuy, que não foi, para que se diga, dos mais perigosos, o exercito conservou-se inactivo no dia seguinte, em repouso, aliás bem dispensavel a veteranos effeitos a todos os rigores daquelle campanha, uma das mais rudes que registra a historia.

No dia 15, á tarde, chegámos ao povoado de Caacupê, por onde havia passado na vespera o exercito de Lopez, que se retirára de Ascurra, para não ter a rectaguarda cortada. Si marchassemos no dia 13 de agosto, como se propalava ser o desejo do principe, que houve de ceder á opinião vencedora de Osorio, é muito provavel que tivéssemos mettido o Dictador entre nós e as forças que se estendiam do outro lado da cordilheira, no valle do Pirayú. Não passa, entretanto, este commentario de uma conjectura feita então,

sem intuito de censurar as operações dirigidas pelo nosso joven general em chefe.

A villa de Caacupê estava regorgitando de gente; parecia um povoado da nossa terra em dia de festa.

Nas portas e janellas das casas, todas de mesquinha apparencia, nas ruas, no adro da igreja, viamos velhas feias e moças bonitas, que se mostravam prazenteiras e nos receberam com mostras de alegria, provavelmente simulada. Entre todas, formigavam as creanças, muitas dellas tão magrinhas que se lhes podiam contar todas as costellas. Outras havia, porém, que pelo aspecto se conhecia logo pertencerem á gente abastada.

Achámos alguns prisioneiros nossos. Entre elles, estava um frade capuchinho, que caíra nas mãos das forças de Barrios, na invasão de Matto-Grosso. Que differença entre o sacerdote e os soldados! Aquelle, com o habito de burel, já meio gasto, alegre, risinho e bem disposto; os outros, magros, macilentos, não se lembrando mais como se ria e com as costas retalhadas das cicatrizes que fizeram os azoragues do inimigo.

Um observador perspicaz distinguiria sem grande difficuldade, no meio daquella multidão variegada, os habitantes do lugar, dos adventicios. Os caacupêanos eram, na maioria, pallidos, tinham bocios de fórmias e dimensões diversas e mostravam nos rostos macilentos o facies característico do cretinismo. Nos adventicios, o typo era outro. Viam-se senhoras e senhoritas decentemente trajadas, bôas côres e bem penteadas, maneiradas, educadas e fallando correctamente o hespanhol com a *toada* característica da falla paraguaya, muito semelhante á de Corrientes e Misiones.

O meu batalhão bivacou defronte da igreja, perto de uma casa, onde havia moças de uma familia distincta da Republica, com as quaes passámos, em agradável palestra, a tarde daquelle dia. Duas dellas desposaram-se com distinctos officiaes do nosso exercito, rendidos aos seus encantos e fôram muito felizes, deixando bôa e numerosa próle. Tinham um sobrinho, menino de seus oito annos, muito vivo, e que me pareceu ter *mãos bofes*, porque se aprazia em puxar os bigodes dos meus companheiros, que não protestavam para não faltarem á compostura de galantes cavalheiros. Eu, que não tinha barba ainda, fui mimoseado com os dois dedinhos do terrivel pequeno, enfiados com toda a força pelas minhas ventas. Disfarcei e torci-lhe um beliscão na pelle da barriga. Retirou-se, olhando-me espantado. Agradava-nos, a seu modo, o paraguayosinho.

No dia seguinte, 16 de agosto, pela manhã, marchámos no enculço do

exercito inimigo, não muito distanciado, porque levava numeroso carregamento. Seguimos pela estrada de Campo Grande.

Não tardou muito ouvirmos na frente o crepitar de fuzilada. Em pouco, succedeu-lhe forte canhonheio. Apertámos a marcha, deixando as mochilas na entrada do Campo. A vanguarda já estava empunhada em renhida lucta. Vi passar, a galope, na frente de um esquadrão, o Fialho, que o Tiburcio chamava o *meu Mudarra*, com o pála fluctuando, a lança empunhada pelo braço musculoso e nú até ao cotovello. Foi a ultima vez que o vi e lá ficou para sempre o bom e rijo camarada.

Marchavamos ligeiro. A vanguarda distante Tazia recuar as forças inimigas, que iam incendiando o macegal. Pouco ou nada eu sabia do combate, cujos echos apenas me chegavam. A impaciencia me atormentava. O coronel Conrado Bittencourt deu-me ordem de avançar com uma força para apagar o campo em chamas. Era moço, e me pareceu que um ex-ajudante do Dezeseis não estava alli para faxineiro. Segui até o lugar onde o incendio se mostrava mais intenso. Dei ordem ao sargento para fazer um grande asseiro, que limitasse o fogo, e parti para a frente. Julgo hoje que não procedi bem; mas, naquelle tempo, não podia sacrificar-me áquelle serviço, quando a fuzilada me chamava, cada vez mais ardente. A minha curiosidade era irresistivel. O Dezeseis me tinha mal habitnado. Parecia-me que toda aquella gente, passando em accelerado, para bater-se, lançava-me olhares de pouco caso. Metti as esporas no meu valente tordilho e, a galope, approximei-me do passo do arroio, onde a nossa gente pelejava. Eu caminho, vi, acorocado atrás de uma casa de cupim, um tenente, que era uma das poucas excepções no nosso valeroso corpo de officiaes, e perguntei-lhe:

— Que fazes ali?

— Aquillo na frente está feio — respondeu-me.

— Mas é o teu lugar.

Era muito timido; mas nós o estimavamos porque era carinhoso e meigo. Esquivava-se ás balas sempre que podia e nem por isso escapou. A morte inexoravel empolgou-o ao terminar a guerra, restando delle sómente, entre os camaradas, a recordação da sua fraqueza. Felizmente para a nossa honra, o seu typo era muito raro.

Quando cheguei á margem do arroio, o bravo general Pedra acabava de repassal-o, defendendo-se, a pé, dos paraguayos: o seu cavallo havia empacado e elle se viu em serios apuros, ficando com a gravata de sóla rasgada por uma lançada.

Lá estava commandando uma bri-

gada, e calmo com o seu bello olhar de aguia, o coronel Manoel Deodoro da Fonseca, percorrendo as linhas em seu cavallo zaino e com a infallivel corneta, sempre presa ao arção da sella. Era das grandes figuras do exercito e uma das mais brilhantes daquella pleiade de officiaes de artilharia, designados para o commando de batalhões de infantaria, e que se chamaram: Tiburcio, Floriano, Hermes, José Clarindo e Carlos de Magalhães. Quando me transporto ao passado e elles desfilam pela minha memoria, bellos e resplandecentes de gloria, sinto ainda os cabellos se me eriçarem, como me acoutecia quando testemunhava os seus grandes feitos. Ninguém mais do que Deodoro correu para o lustre das nossas armas. Que o diga o Vinte e Quatro de Voluntarios da Patria, do qual fez, em pouco tempo, um dos melhores corpos do exercito. No maior perigo, nunca o abandonava a veia da facecia. Contau que num dos seus transes mais arriscados, quando fazia na antiga Escola Militar exame de chimica, o *Berzelius* apontou para um vidro, que estava sobre a meza, e perguntou-lhe que substancia continha. Elle, olhando para o frasco, respondeu sem hesitar:

— Acido azotico.

— Porque? retorquiu o professor.

— Porque está escripto no rotulo.

Eu todo o exercito é bem conhecida a sua chistosa vóz de commando, — *formar bôlo* — dada na batalha de Tuyuty, quando se viu com o batalhão envolvido pela cavallaria paraguaya e não teve tempo de formar quadrado. O Deodoro tinha o grande poder da fascinação e eu fui um dos fascinados por elle. A politica separou-nos, no golpe de Estado, onde se cortou a minha carreira militar; mas, nunca deixei de amal-o... Deixemos isso, porém, entre parenthesis.

Chamou-me e disse-me com vóz calma:

— Vê si pôdes levar alguns homens para o outro lado e estende na costa do matto uma linha de atiradores.

Chegavam, nesta occasião, dois distinctos alferes do batalhão de engenheiros: O Arouca e o Firmino, que vinham tambem impellidos pela mesma curiosidade. Mettemos, os trez, mãos á obra com decisão. A gente que estava no passo já tinha sido repellido da outra banda pelo inimigo, e estava hesitante.

De vez em quando, ha desses desfallecimentos passageiros, nas melhores tropas. Dirigi-me, para cumprir a ordem, ao major Pedro Alves d'Alencar, um dos mais brilhantes officiaes da nossa infantaria e commandante do 10º. Pedi-lhe que me desse alguns homens.

— Toma-os — respondeu-me: — e leva-os si puderes.

De vez em quando, os canhões paraguayos, assestados do outro lado do arroio, nos varriam á metralha. Os meus dois camaradas e eu acabavamos de chegar e nos empenhávamos com ardor na lucta. Um a um, dois a dois, iamnos conseguindo levar por deante soldados para a outra banda. Ficava sempre um de nós com elles. Passávamos e repassávamos o arroio diversas vezes. Em uma dellas, tive o prazer de ver o Sylvino, o meu bravo sargento do Dezeséis, e perguntei-lhe:

— Onde está o batalhão?

— Allí para a esquerda, sr. ajudante.

— Vamos até lá.

O Sylvino marchava na minha frente, e bradou:

— Rapaziada, aqui está o sr. ajudante.

Immediatamente, com a permissão do commandante, levei muitos dos meus antigos e bravos soldados para o outro lado, e, em poucos instantes, a bateria inimiga que nos metralhava caíu em poder da nossa linha de atiradores que, em grupos, carregou, denodada, á bayoneta, sobre as quatro guarnições e levou tambem de vencida a linha que estava de protecção.

Não durou muito, o Arouca caíu fulminado por uma bala no meio da testa.

Tiroteavamos cerrado, quando vi o alferes Firmínio entusiasmado dando vivas ao coronel Hyppolito. Era uma brigada de cavallaria, que transpuinha o passo, commandada pelo heroico official. Avançava na frente o piquete do principe, com o capitão João Telles, meu querido amigo.

Que espectáculo imponente! Aquella força, magnificamente montada, avançava ao tróte sobre as linhas paraguayas, que se uniram e fôram rapidamente apoiadas por uma grossa columna cerrada, que surgiu de trás de um capão e não formou quadrado.

Do tróte ao galope e do galope á carga, foi um momento.

Nós fuzilavamos os paraguayos quasi de travéz. Ao lado do Telles, ía, firme nos estribos, reboleando a lança, um cabo do piquete. Que valente! Vi-o metter as espóras no cavallo e, com um salto enorme, penetrar naquella massa eriçada de bayonetas. Ainda deu duas lançadas e sumiu-se. Após a carga, os esquadrões voltaram a reformar-se. Nesse momento, os paraguayos investiram á bayoneta sobre os nossos cavalleiros, que ganharam distancia e voltaram a carregar. Avançaram os batalhões passando o arroio e appareceu tambem naquelle scenario emocionante a figura do joven principe, com o seu brilhante estado maior, affrontando o perigo como qualquer de nós. Em pouco tempo, as

linhas paraguayas debandaram e fugiram espavoridas. Era a divisão de cavallaria do general Camara que lhes saíra á rectaguarda, pela estrada de Barrero Grande.

Foi uma derrota completa. O campo ficou cheio de mortos e feridos do inimigo, entre os quaes causavam-nos grande pena, pelo avultado numero, os soldadinhos, cobertos de sangue, com as peruinhas finas quebradas, alguns dos quaes ainda não tinham attingido á puerdade.

Fui nesse dia promovido a tenente. Era o vigésimo terceiro combate em que entrára, e já me havia habituado a não ser contemplado nas promoções. Não senti grande emoção. Muito maior foi a que tive, no Passo da Patria, quando, depois de 2 de maio, o Osorio me fez alferes e tiron-me do meio da soldadesca do meu batalhão, o Doze, o *Treme-terra*, onde eu sentia, revoltado, (para que não confessar francamente?) a superioridade daquelles veteranos mais fortes do que eu, para os labores fatigantes da vida de praça de prêto em campanha. Orgulhei-me mais com o elogio que me fez o Deodoro na sua parte do combate. Não o teve o camarada que encontrei acororado atrás do cupim e que tambem foi promovido a capitão pelos *actos de bravura* allí praticados, desafiando a curiosidade e provocando o sorriso ironico dos que passavam.

As noites de agosto na Cordilheira são frias. Viam-se muitas fogueiras no immenso bivac. Em torno de algumas, meio apagadas, tiritavam de frio soldadinhos paraguayos da ultima léva, frio que podia ser tambem da febre dos ferimentos que receberam. Como eram valentesinhos para o fogo os pobres meninos!

Que lucta terrivel aquella entre a piedade christã e o dever militar!

Os nossos soldados diziam que não dava gosto á gente brigar com tanta creança.

Depois do combate, fui ver o logar onde caíu o cabo do piquete do principe. Achei-o com os olhos abertos e o braço estendido, como procurando a lança. Contemplei, algum tempo, em respeitosa mudez, os restos mutilados desse homem, cujo nome me era desconhecido e cujas proezas talvez sómente eu tivesse testemunhado na tremenda refréga. Era mais um dos heróes anonymos que lá caíram aos milheiros em defeza da honra nacional, deixando os esqueletos branqueando os campos ou enterrados em cóvas mal cobertas, amparados sómente pela cruz symbolica da Patria, o Cruzeiro do Sul brilhando na cupula do Phanteon infinito, onde os seus nomes humildes se confundem e se integram no nome glorioso de «Exercito Nacional».

No dia seguinte, bem cedo, saíram

faxinas a enterrar os mortos e os canhões tomados ao inimigo, arrecadar o armamento esparso pelo campo, recolher os feridos prisioneiros e inutilisar as carretas, que não fôsse possível conduzir ou não valesse a pena fazel-o.

O meu coronel era um bom e intelligente official, mas tão restricto no cumprimento das ordens recebidas, que passava, sem injustiça; por muito *apertado*. Tomou demasido ao pé da letra a de destruir as carretas e ia praticando um acto de crueldade. Em uma, eucontrámos um soldadinho com a perna quebrada por uma bala, abaixo do joelho, e a cabeça, pallida, reclinada ao collo de sua irmã, loira creança de dez annos. Recebemos ordem para retirar aquelle grupo da dôr e incendiar o seu abrigo. Foi preciso que lhe implorássemos para que allí continuassem os dois meninos, até que fôsem transportados para o hospital. Era, entretanto, uma bôa alma, incapaz de fazer mal.

O Lopez e os restos do seu exercito retiravam-se para o norte do paiz pela picada de Caraguatay. O general Victorino seguiu em sua perseguição, batendo-os no dia 18 em Caguiyurú, que significa *bocca do matto*. Antes das nossas forças chegarem á picada, encontraram-se com um quadro horroroso, que encheu de indignação a soldadesca. Algumas praças, que se tinham transviado, entre ellas o bagageiro do Corte Real, hoje coronel honorario, estavam enforcadas na orla da matta, em galhos de arvores sobre fogueiras, que lhes tinham carbouisado os pés e com as mais humilhantes mutilações.

Empenhou-se o combate com furor de parte a parte e, em pouco tempo, estavam vingados os nossos desgraçados camaradas, pela derrota completa dos paraguayos.

Segui com o meu batalhão para o Manduvirá, pequeno rio estreito, por onde haviam entrado, anteriormente, alguns navios nossos de pequeno calado, em perseguição dos ultimos vapores inimigos que nelle se refugiaram e ficaram inutilisados.

No acampamento de Arecutaguá, recebi ordem para voltar ao Campo Grande, afim de desenterrar a artilharia paraguaya que lá deixáramos e fazel-a transportar até Pirayú, estação mais proxima do caminho de ferro. Parti levando conmigo os meus dois soldados—camarada e bagageiro—que ainda eram os mesmos. Achei Assumpção mais animada e Pirayú tambem. As familias paraguayas voltavam para os seus lares, onde a vida devia ser mais tranquillada do que nos tempos do terror, quando Lopez dominava. Nesse ultimo povoado, onde tínhamos ainda pequena força, hospedei-me em casa do Erico, meu comprovinciano e ami-

go, o tempo necessario para apromptar a viagem. Saí acompanhando o cargueiro, tocado pelos dois soldados. Subi a serra de Ascurra, demasiado ingreme. Seria muito difficil subil-a, quando lá estava, defendendo a, o exercito inimigo.

Ao Dezesete de infantaria, para o qual fui promovido a tenente e que occupava um dos quartéis paraguayos em Ascurra, requisitei seis praças para o serviço da exhumação das peças e pedi ao commandante que as fizesse partir no dia seguinte. Mais adeante, avistei Caacupê. Não era mais a mesma. Quasi todo o povo que a enchia no dia 15 de agosto, se tinha dispersado. Estava quasi deserta. Viam-se apenas algumas velhas com os seus bocios, raparigas opiladas e creanças barrigudas e pallidas. Homens... não havia. No mesmo dia, á tardinha, acampeei no Campo Grande, onde, dois mezes antes, os dois exercitos pelejavam encarniçados ao ruído do galopar das nossas cavallarias meio abafado pelo som atroador do canhão e pelo crepitar alegre da fuzilada.

Armei a minha barraca junto á ponte do segundo arroio. Ao lado pendia, enganchado na forquilha de um ingazeiro, o cadaver resequido de um paraguayo. Mandeí enterral-o e plantar na sepultura uma cruz tosca.

Que triste solidão e que silencio naquelle immenso campo de batalha onde dormiam, lado a lado, os guerreiros que se tinham destruido com ferocidade, sem ao menos se conhecerem e que a morte havia reconciliado na paz do mesmo somno placido e eterno.

Viam-se dispersas, formando grupos ou isoladas, carcassas de cavallos, em torno das quaes caminhavam alguns *caranchos*, que aproveitavam ainda os restos que ficavam da voracidade dos urubús.

Anoitecen. O luar era claro. As noites da primavera na Cordilheira são limpidas e frias. Sentado á porta da barraca, fumava o meu cigarro de pallia e já sonhava vagamente rever as terras da Patria e os seres que mais amava então: — o pai, a mãe e os irmãos queridos. O Antonio Faustino e o Francisco Antonio eram os meus unicos companheiros, e conversavam em voz baixa, ao redor do fogão afastado.

O meu tordilho e um reiúno, que tomei na artilharia, pastavam, á sóga, com o cargueiro. Estavam proximos. Vi estranhas manchas negras no pescoço do meu cavallo predilecto e tambem do cargueiro, que era um macho do mesmo pello. Esvoaçavam rapidos, em torno de mim, grandes morcegos. Eram elles que bebiam o sangue do brioso animal, tantas vezes derramado no serviço da minha Patria. Levantei-me, e nós trez espantavamos os terriveis cheiropteros. Foi grande a lucta, por-

que eram demasiado teimosos e voltavam. Tem-se visto animaes morrerem em pouco tempo, sacrificados por elles. Era preciso salvar, pelo menos, o meu, e só havia um meio. Cobri-o com o meu ponche e a manta do bagageiro. Os outros dois ficaram abandonados, por falta de capas protectoras. O macho tordilho não durou muitos dias. O reiúno era de pello escuro e foi meenos atacado. No dia seguinte, mandei o tordilho para Pirayú.

Quatro mezes depois, no dia 1º de março de 1870, o preclaro general Camara dava o ultimo tiro na margem esquerda do Aquidaban, e terminava a guerra com a morte do Dictador, que, apesar da sua ferocidade legendaria e nefandos crimes, passou á historia como o chefe supremo de um povo heroico por elle fanatisado, e cuja patria defendeu até ao derradeiro alento. Façamos-lhe esta justiça. Quando a noticia chegon ao Rozario, onde estava o meu batalhão acampado, vi, no meio de regosijo geral e dos hymnos de alegria, muitas lagrimas deslisarem silenciosas pelas faces dos nossos prisioneiros. Pareceram sinceras, porque não podiam mentir as almas daquelles valentes. Os nossos camaradas mais argutos diziam serem filhas do terror supersticioso que causava ao seu povo aquelle homem de prestigio quasi divino. Lembravam que quando Francia falleceu, o seu medico dr. Estigarribia retirou-se em silencio, e o cadaver ficou solitario até que o sargento da guarda, attraído, trez dias depois, pelas exálações da decomposição adelantada, penetrou nos aposentos do famoso politico e annunciou o facto, ainda receioso de uma resurreição.

Choravam... pelas duvidas, accrescentavam outros.

Os batalhões começavam a retirada para o Brazil. Iamos assistir ao embarque dos camaradas mais felizes do que nós, porque chegariam antes.

O Frederico Severo recitava poesias; outros faziam discursos. Foi um periodo festivo. Entre os oradores, tornou-se notavel pela facundia ultra-philosophica um velho coronel, que se tinha por muito lettrado e recitava as suas orações em tal tom que as ouviamos perfilados, como si esperassemos a sua voz mandando uma manobra. Lembrome, entre outros, do seguinte topico, que reproduzo, quasi textualmente, como um curioso specimen da sua eloquencia transcendente:

«A guerra, camaradas, é a inimiga da paz. Por um phenomeno primordial que o destino anomalo circumscreve no correr dos tempos humanos, a guerra é uma fatalidade e, longe de ser um bem passageiro, é um mal permanente.»

Confesso que gostava mais dos versos do meu amigo Severo. O coronel Panellada era um *snob sui generis*,

menos completo, entretanto, do que sir George Tuft, de William Thackeray.

Apoderou-se de mim um desejo ardente de voltar. Era a explosão de uma esperanza recalçada, por cinco annos, no fundo da minha alma; nunca ousára affagal-a, porque minha vida estava votada á Patria, e cem mil dos seus fillos não regressaram.

Pedi uma liceuça e me foi concedida; mas não tive necessidade de gozal-a.

Em maio, separei-me do meu cavallo, tão leal e tão docil. Eu, tenente de infantaria, não podia trazel-o comigo. Só o Antonio Faustino, que o tratava, poderia suspeitar as saudades que elle me deixou, a tristeza que me invadiu quando, pela ultima vez, lhe passei o braço em volta do pescoço e fiz-lhe a ultima caricia.

Separaram-me tambem dos meus dois dedicados camaradas, que se recolheram ao batalhão. Chegou, finalmente, a minha vez de voltar.

O meu bom e saudoso amigo Antiocho Faure fez-me incluir na relação dos requisitados pela Escola Militar, apesar de não a ter frequentado, porque quando assentei praça, era estudante da Escola Central.

A volta, em maio de 1870, foi mais commoda e confortavel do que a ida, em fevereiro de 1865. Nesta eu era praça de prêt e, por concessão especial do commandante, dormia sobre o convéz, tendo por travesseiro a mochila cheia com a roupa da ordem, por colchão a manta e por cobertor o capote. Na volta, passei bem. Não tive camarote, porque era addido, e os effectivos tiveram preferencia. Na vida civil, é diferente; aos hospedes, os melhores commodos. Além disso, era preciso accomodar bem outros companheiros de viagem, distinctos prisioneiros de guerra. O general Caballero, os coronéis Agnêro e Centurion e o celebre padre Maiz, que tinha maior fé no Lopez do que em Jesus Christo. Dormia na camara do vapor em um banco, e passava as noites despertado, de vez em quando, pelas gargalhadas estridentes provocadas pelas pilherias, ás vezes demasiado pesadas, dos jogadores, dos quaes os quatro paraguayos nunca deixaram de fazer parte. Só me foi possivel ir á Bahia em 1872, depois de concluir o curso de artilharia. Já era capitão e tive tambem o meu triumpho. Da cidade de Cachoeira até o Magalhães, fazenda de meus avós paternos desde o seculo dezesete, cavalleiros montados em bellos corséis, davam-me a bôa vinda e reuniam-se á numerosa cavalgada. Ainda não havia telegrapho electrico; mas signaes luminosos feitos por foguetes, de distancia em distancia, transmittiam a noticia da nossa aproximação. Quando entrei na porteira da fazenda, ninguem pôde avaliar a minha emoção.

Havia arcos illuminados na extensão de um kilometro, onde se viam bellas legendas, em prosa e em verso, me saudando. Os cavalleiros, algumas centenas, quasi todos meus parentes, formaram em duas alas e eu passei só, a galope, por baixo dos arcos. O cavallo parecia ter azas. Não me lembro como caí nos braços de meu pae e de minha mãe, que choravam de alegria, beijando-me. Era a melhor recompensa para os meus trabalhos.

Alta noite, quando toda aquella gente foi reponer, minha mãe mandou fazer uma cama muito grande e deitou-nos, a todos os filhos, por ordem da idade e tambem uma irmãsinha, que nascera na minha ausencia. Saí e voltando pouco depois com o meu pae, disse-lhe :

—Estão ali todos cinco, graças a Deus.

E ambos caíram de joelhos e oraram constrictos, cheios de fé.

Passado algum tempo, voltava do Curralinho, propriedade do meu avô materno, meu berço de nascimento e hoje uma das mais florescentes cidades da Bahia.

Na ladeira do Capoeirussú, em caminho para o Magalhães, ao romper do dia, vi caminhando na minha frente um tabaréo de espadnas largas, chapéo de couro pendido para um lado, camisa e calça de algodão listrado, alpercatas aos pés e uma faca larga na cintura, tocando um sendeiro carregado de quartinhas. Piquei o cavallo e reconheci o meu bom camarada Francisco Antonio, que se perfilou, tirou o chapéo; e abraçando a minha perna, disse, visivelmente contente :

—Seu ajudante... meu senhor.

Estendi-lhe a mão e apertou-a comovido.

Foi a ultima vez que o vi.

O outro, o bagageiro Antonio Faustino engajou-se, mais uma vez, e chegou a furriel. Vi-o na Bahia já muito doente. Soffria do coração, talvez pelas innumeradas emoções da campanha e teve baixa por incapaz. Visitava-me com frequencia; era muito estimado por todos de minha familia. Fui despedir-me d'elle na ladeira do Alvo, onde morava com a velha mãe. O officio de sapateiro não lhe dava para viver... o coração caçava-o muito; por isso, trabalhava pouco e com difficuldade. Quando entrei, achei-o pondo tombas num sapato e assobiando, em surdina, o hymno nacional. Nunca mais o vi. Morreu alguns mezes depois.

Minha mãe mandou depositar no seu caixão uma corôa de sempre-vivas, com a legenda : — *Saudades do seu amigo* — e, na outra ponta da fita, lia-se o meu nome.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## FARIAS BRITO

### X

« Todas as religiões actuaes estão mortas — diz o illustre auctor da *Finalidade do mundo* : eis uma verdade dolorosa, mas incontestavel ; e não é sinão porque isto é uma verdade, que se nota o estado do extremo desasossegado, de angustiosa anarchia e profunda perturbação a que se acham reduzidas as sociedades modernas. »

Felizmente, á sentença lavrada contra todas as religiões accrescentou o philosopho cearense a confissão da horrorosa anarchia em que se debate o espirito do nosso tempo. Apenas divergimos num ponto, e ponto capital, porque muda todo o aspecto da questão. Farias Brito filia o estado de crise actual na ausencia de religião : quanto a mim, o desvalimento ou a morte das religiões — e vou adiante — do proprio sentimento religioso, não é sinão fructo ou consequencia da crise denunciada, da angustiosa anarchia » em que se encontram os espiritos em pasmo no vasto páramo em que os deixou uma consciencia incompleta do destino ou uma compleheusão imperfeita da ordem universal, mal entrevista ainda no que respeito aos fins da vida. Em vez de explicar, portanto, todas as perturbações que põem presentemente o mundo, pelo menos, no Occidente, em medonho estado de cahos — em vez de explicar tudo isso « pela decadencia do sentimento moral e pela falta de religião », eu prefiro ver na ausencia ou no arrefecimento do espirito religioso, (a que o nosso philosopho, com tanta propriedade, deu o nome de « poesia da religião ») um effeito, não sómente da indisciplina moral, da desordem que lavra nas intelligencias e até nos corações, mas de toda a crise actual na sua vasta complexidade. E lamento que, em vez de discutir as relações entre as duas ordens de phenomenos — Farias Brito se limitasse a historiar os processos medeante os quaes o espirito liberal chegou, partindo da reforma dos cultos, a demolir a propria religião catholica — a que se associára a toda a existencia social deste lado do mundo. Si elle tivesse preferido estudar primeiro as causas da crise — quasi que affirmo — havia de ver, com a alta isenção que se lhe reconhece, como inverteu a ordem dos phenomenos. E digo isto com uma segurança que se apoia em muito mais do que a indole do seu espirito, tão grave e tão sereno em presença destes grandes themes : com uma segurança que decorre das proprias affirmações que vejo em todo este 1º volume da *Finalidade*. Em primeiro logar, o nosso philosopho ataca e denuncia o

forte empenho com que os intellectuaes « fazem guerra a todos os grandes principios que são a garantia da ordem e combatem as crenças e se esforçam por eliminar a religião do governo das sociedades ». Nem é só disso que se occupam os maiores espiritos : elles se obstinam numa longa e incessante campanha contra todas as tradições, contra tudo que póde edificar a alma, fortalecer os corações, nutrir de fé a coragem e as esperanças com que se tem de fazer da vida uma especie de cerimonia de culto — pois é assim que ella tem vencido. E bastava isso para, ao menos, inspirar suspeitas de que não foi o espirito sceptico que fez a desordem e sim que foi a desordem que gerou o scepticismo — aggravado enormemente desde que passou do dominio especulativo ou philosophico, para o espirito das massas.

O que cumpriria indagar, portanto, é a origem da desordem mental que produziu a irreligião dos philosophos ou aos intellectuaes da qual esta *vacuidade* de alma que se nota em todas as classes, intellectualmente mais ou menos receptivas apenas, não é sinão um reflexo. E isso não fez Farias Brito, nem era de esperar que fizesse, pois o seu ponto de vista era outro.

Por mim, desde que tenho direito a ser franco e o dever de absoluta sinceridade como pensador, darei o meu modo de ver a questão, para assim explicar a divergencia em que me sinto com o eminente philosopho cearense. Póde muito bem ser que o desaccordo provenha de não estar eu ainda de posse de toda a concepção do auctor : isso depende do ultimo volume, que elle proprio diz ser « o mais importante, porque nelle se occupará propriamente da concepção fundamental de que a obra se originou ». Emquanto não nos vem esse terceiro livro trazer a theoria da finalidade, creio que me não adeantarei desastradamente com estas notas.

A meu ver, a situação anormal do espirito humano que determinou a decadencia ou mesmo a morte apparente do sentimento religioso, só é explicavel : — pelo contraste em que ficou a obra das intelligencias activas com o espirito das massas ; e — pelas complicações crescentes da crise economica. A obra das intelligencias activas, consistindo nas invenções, nas descobertas, no aperfeiçoamento das industrias, em todos esses progressos maravilhosos que fazem a grandeza dos nossos tempos — actuou sobre o espirito geral de modo a produzir esta ufania e deslumbramento do homem confiante em si mesmo — desvanecido do seu esforço e sem mais nada ver acima do proprio genio. O homem que se deslumbra, no emtanto, não é o homem que edifica e que triumpho. So-

bre o espirito deste, a victoria não deixa mossas : é na alma do passivo que ella, dando-lhe o bem, prodúz o mal. Creio que o deus humanidade corresponde perfeitamente ao espirito do nosso tempo.

Por outro lado — a questão economica — na verdade todo o problema social reposto pelas consciencias, hallucinadas e sob o pavor que lhes vem das proprias claridades em que andam immergindo ! Tudo isto bem estudado havia de dar-nos a chave das soluções que procuramos — porque tudo isso não explicaria como o homem moderno não tem tempo nem necessidade de crer.

ROCHA POMBO.

(Continúa)

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A radio-telegraphia. — Creação de uma secção especial no exercito allemão. — Comunicação a trinta kilometros de distancia.*

A radio-telegraphia está, agóra, adoptada de uma maneira pratica no exercito allemão, graças á criação de uma secção especial comprehendendo um effectivo de 8 officiaes 15 sub-officiaes, 85 homens e 40 cavallos. Esta secção é annexa a um batalhão de telegraphistas. As experiencias radio-telegraphicas remontam a 1897. isto é, aos primeiros ensaios do systema Marconi. Fôram, primeiro, confiados aos aérostatas. Em 1899, os resultados obtidos permittiram regulamentar o serviço da radio-telegraphia que funcionará, para o futuro, regularmente. Os aperfeiçoamentos recebidos na Alemanha pela telegraphia sem fio, segundo o systema Braun, offerecem a vantagem de poderem estabelecer communicações radio-telegraphicas a 30 kilometros de distancia. Tem-se estudado, egualmente, a applicação da telegraphia sem fio á guerra de fortaleza, assim como a syntonisação, afim de facilitar a correspondencia, e o serviço allemão está actualmente de posse de um receptor telephonic que permite communicar seguramente a 50 kilometros e até a 70 kilometros de distancia.

\* \*

*O telephone popular nos Estados Unidos. — A commodidade e a facilidade que offerece ao publico.*

O telephone popular é uma innovação americana, mas poder-se-ia afrancezal-a. Em muitas das grandes cidades dos Estados Unidos, a companhia Bell mandou instalar nas principaes ruas, apparatus telephonicos que se parecem com os nossos avisadores de incendios. O transeunte que quer tele-

uma ou duas moédas, conforme o tempo que deve durar a communicação. A caixa telephonica abre-se e fecha á vontade; é a moéda que estabelece a communicação. E tudo isso se passa sem obstaculos, sem incidentes, á propria vista do publico que exerce a vigilancia e impede as brincadeiras dos garotos. O telephone popular dispensa assignatura e demoras de repartição. E' tão commodo como a caixa postal, e os ensaios demonstraram, desde agóra, que é essencialmente pratico.

\* \*

*Os «butterrini», — Mistura de manteiga e queijo. — As suas propriedades. — O processo da sua conservação.*

Os *butterrini* de Sorrento e dos arredores de Napoles são um novo producto alimentar que consiste numa mistura de manteiga e queijo, com as propriedades de uma e de outra, e podendo ser conservado durante muitos mezes, até nos climas quentes. O processo de fabricação é muito simples. Fazem-se bolas de manteiga fresca pezando de 70 a 80 grammas e deixam-nas endurecer na agua gelada. Tomam-se em seguida 250 grammas de queijo feito de leite de vacca e é petrificada dando-se-lhe a fórmula de um chapéo sem abas; é amollecida, então, na agua quente, e quando se acha sufficientemente malleavel introduz-se-lhe a bola de manteiga endurecida de modo que o todo tome o aspecto de uma cabaça. Esta mistura de manteiga e queijo é depois mergulhada na agua gelada para refrescal-a e endurecel-a. Após algumas horas de immersão no banho frio, é suspensa num banho d'agua salgada durante dez horas mais ou menos; em seguida, é pendurada em pleno ar, onde fica até que se dá a servir. Estes *butterrini* se conservam perfeitamente no Sol da Italia durante trez mezes no inverno e ao menos durante todo um mez em pleno estio. Custam cerca de 1S, a libra. O gosto do queijo é do da Hollanda. A casca tem pouco mais de um centimetro de diametro. A manteiga tem um gosto de queijo, mas agradável. Esta industria começa a tomar um grande desenvolvimento.

## A BATALHA DE RIACHUELO

ONZE DE JUNHO

Lancemos rapido olhar por sobre o logar do combate; notemos as evoluções dos navios e algumas das peripicias do terrivel drama, que se desenvolveu nas soídões das plagas do Paraná.

11 de junho, espargindo vastos clarões purpureos pela superficie das aguas, cujo volume parecia ter diminuido, circumstancia que, sem duvida, fôra grave embaraço ás manobras dos vapores combatentes.

A esquadra do chefe Barroso, desde algum tempo, conservava a seguinte posição — em linha de formatura ao sudoeste de Corrientes e poucas milhas pelo nordéste de Riachuelo.

Os vazos de guerra occupavam logares designados por ordem. A *Meerim*, que estacionava na vanguarda, por volta das 9 horas da manhã, levanta o signal «inimigo á vista».

«Nessa hora, diz o chefe Barroso, em seu relatorio, nos assentavamos a almoçar, quando nos deram parte que descia um vapor, dois, trez, até oito; houve, portanto, um «Safa Geral» em toda divisão e despertaram-se os fogos.

«Desciam elles aguas abaixo que, com a correnteza do rio, não seria menos de 12 milhas; portanto, em um quarto de hora, passavam em frente a nós os 8 vapores paraguayos com 6 chatas a reboque. Fizemo-lhes as honras, que mereciam, as quaes contestaram por egual modo; balas e metralhas de parte a parte; era chuva e chuva de respeito».

Eis ahi o inicio do primeiro combate, que foi, porém, travado em outro ponto por causa das evoluções, que fizera o commandante Meza, com o fim, de collocar-se sob a protecção da linha do coronel Briguez, defendida por 2 mil soldados, que da barranca atiravam contra os vapores brasileiros, damnificando-os nimiamente, de sorte que simultaneamente eram aggredidos por agua e do lado de terra do rio, cujo canal, estreito e tortuoso, causava perigosos embaraços.

O chefe Barroso, conhecendo os desvios e recantos do theatro da acção, receiando que os navios inimigos enveredassem pelos ilhotes, resolveu atacal-os, onde pararam debaixo da barranca. Mandou a *Belmonte* marchar na vanguarda, seguida immediatamente da *Amazonas*, levando este os signaes:

— 1º, *O Brazil espera que cada um cumpra o seu dever*; 2º, *Atacar e destruir o inimigo o mais perto que puder*; 3º, *Sustentar o fogo, que a victoria é nossa*.

O chefe Barroso, dirigindo-se aos commandados e notando o ardor, de que todos estavam possuidos, não lhes fez outra recommendação, sinão a que contém as seguintes phrases, que valem mais do que um discurso; phrases que lembram as dos grandes capitães da antiguidade: — «vamos, camaradas, dar mais um dia de gloria á Nação, vingando a honra do nosso pavilhão».

nismo, officiaes, marinheiros e soldados, todos electrizados prorompem em unisono brado:

— Viva a nação brasileira, viva o Imperador

A *Belmonte*, sob o commando de Joaquim Francisco de Abreu, rompe a marcha, seguida da *Amazonas*, no qual váe tambem o chefe Barroso, com o pratico Bernardino Gustavino. O vapor *Jequitinhonha*, onde se achava o chefe Secundino de Gomensoro, em consequencia das perigosas tortuosidades do estreito canal e diminuição das aguas, a despeito do esforço e habil manobra, encallhou.

Os paraguayos não fugiram; pelo contrario, esperaram, firmes e destemidos, abrigados á barranca, defendida por 22 canhões e pelas espingardas de dois mil soldados do coronel Bruguez e das chatas armadas com peças de 80. Do alto da barranca, a fuzilaria e os tiros de 22 bocas de fogo caíam horrivelmente sobre a esquadra imperial, causando-lhe muitos estragos.

O chefe Barroso não julgou opportuno e conveiente descer aguas abaixo para voltar a bater de novo o inimigo; não hesitou; ahí no mesmo ponto, arremetteu contra elle com a prôa da *Amazonas*, reproduzindo o methodo empregado por meio do vapor *Merrimack* contra as fragatas *Cumberland* e *Congress*, no meio do turbilhão de balas de artilharia, que choviam de toda a parte, até das fortalezas Monroe e News-Ports, nos Estados-Unidos.

A longa experiencia de velho nauta, o exemplo recente do *Merrimack*, o conhecimento da efficacia do emprego do ariete, o plano concebido de destruir o inimigo de mais perto possivel, tudo inspirou ao chefe Barroso a idéa de abalroar, calvagar os navios inimigos e mettel-os a pique. Quando Barroso perguntou ao pratico Gustavino — «si havia agua sufficiente para a *Amazonas* investir contra os vapores paraguayos, — estava já com o proposito de *dar as becadas*, como realiso. Este feito está perfeitamente de accordo com o systema de pelejar, que, desde o principio da acção, escolhera, praticára, recommendando que — cada um atacasse o inimigo o mais perto que pudesse, conforme dizia o signal do mastro da *Amazonas*. Que esta mesma idéa irrompesse nos cerebros da maioria dos officiaes, é coisa possivel, sinão provavel. As intelligencias, que reflectem, ou possúem intuição rapida e segura, considerando um facto, um phenomeno, um objectivo, chegaram ao mesmo resultado: para negal-o seria preciso desconhecer as leis do pensamento humano. E' irrisoria a pretensão da originalidade, que certos espiritos querem impôr á credulidade da to-

lice humana. Ninguem possúe absolutamente originalidade exclusiva, sua, duma idéa, que nunca passou por outra intelligencia; os phenomenos intellectuaes, as concepções, as idéas são productos, ou combinações de tantos elementos diversos, que um auctor, ou escriptor, ou executor não pôdem dizer, — só eu tive esta idéa, ninguem a teve. Mas, si a decompozérem, verão que elementos componentes a formam; que fracção toca á hereditariedade, á tradição, ao senso geral, ao *fundo* commum da humanidade. O ter a prioridade, ou a simultaneidade duma idéa, ou concepção, é coisa secundaria. Em quantos espiritos ellas abrolham e esterilizam-se? O essencial é encarnal-as nos actos. O poeta, o pintor, o estatuario dá-lhe vida na lyra, a infunde com o pincel no painel, a corporifica, sob os raios da inspiração, no marmore; o heróe, como Barroso, a engrandece e realisa na temeridade da acção.

Os scismadores — inertes — deixam-na surgir, illuminando-lhes os espiritos e a vêem fenecer, como a derradeira restea do crepusculo vespertino.

Ora, si Barroso, sentindo, como todos, a mesma idéa de empregar a *Amazonas* como ariete, não tivesse a heroica e sublime loucura de executar-a, indubitavelmente não daria á nação brasileira esse dia de gloria.

E' essa audacia, que é virtude, a força, a originalidade, a grandeza moral do varão, que affronta e não teme a morte, no meio do bulcão *da chuva de respeito* — de balas e metralhas... Barroso commandava a esquadra; era a sua vóz, que ordenava; era o seu pensamento, que guiava; era a sua coragem, que obrava e, por sua vontade e mando, a *Amazonas* transformou-se em *Merrimack*: eis o que os contemporaneos viram e sabem, e a historia, consagrando, ha de perpetuar na posteridade.

O combate, como vimos, não se travou quando os vapores passaram e deram a primeira descarga. O commandante Meza tinha pressa de descer aguas abaixo, com objectivo, préviamente escollido, de collocar-se na linha da barranca; objectivo este negado por Schneider, que affirma ser a abordagem, aproveitando certas vantagens (1).

Depois daquella primeira descarga e descida de Meza, que se collocou debaixo da protecção da artilharia e fuzilaria do coronel Bruguez, moveu-se em linha a esquadra brasileira, aguas abaixo. Mas a *Amazonas* de repente virou, subindo o rio. Os outros navios tambem praticaram egual manobra. Travou-se depois a peleja. A *Belmonte* e todos os vapores entraram na batalha por volta das 11 horas da manhã. A *Belmonte*, pouco depois de haver valo-

rosamente luctado, encallhou na illa Cabral, soffrendo muitas e profundas avarias, que a impediam de permanecer na lucta. Em verdade, a *Belmonte* havia feito uma estrondosa façanha, transpou o passo, sósinha.

Não entraremos nas minucias do movimento da pugna, das manobras de cada navio; apenas tocaremos em certos pontos mais notaveis. Sem duvida, descrever fielmente uma batalha, qual a de Riachuelo, demandaria largo espaço e sobretudo tratar de certas questões, que nos não cabe discutir, nem o leitor teria paciencia de supportal-as.

O vapor *Jequitinhonha*, atacado por todos os lados; encallhou no meio do canal, a pouca distancia das baterias de Riachuelo. Foi uma perda, que privou a esquadra de um dos melhores instrumentos de combate.

O chefe Barroso, em pé, no passadiço, empunhando o binoculo, tudo observava e providenciava: mandou avançar a *Amazonas*, aproximando-se da bateria inimiga; dali, chuíam balas, metralhas a rôdo, balas e metralhas, que continuamente ameaçavam ferir, ou matar o almirante Barroso, o coronel Bruce, o guardamarinha Manoel Alves Barbosa e outros bravos combatentes.

Sob as ordens do chefe Barroso, os vapores da esquadra, dirigidos habilmente pelos respectivos commandantes, passaram as baterias de Santa Catharina. A linha de ataque do coronel Bruguez, muito embóra lhes causasse grandes danos, todavia não foi um obstaculo insuperavel.

Os vapores brasileiros eram commandados—a *Amazonas*, pelo capitão de fragata T Raymundo de Brito; a canhoneira *Ignatemy*, pelo 1º tenente Justino Coimbra; a corveta *Parnahyba*, pelo capitão-tenente Aurelio Fernandes de Sá; *Araguahy*, pelo 1º tenente Antonio Luiz von Hoonholtz; a *Mearim*, pelo 1º tenente Elisario José Barbosa, o benemerito mutilado, que ainda hoje traz, em si, o documento authenticico da bravura e do heroismo.

Formavam a divisão Secundino de Gomensoro as seguintes embarcações: o vapor *Jequitinhonha*, commandado pelo capitão-tenente Joaquim José Pinto; *Beberibe*, pelo capitão-tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna; *Belmonte*, pelo 1º tenente Joaquim Francisco de Abreu; *Ypiranga*, pelo 1º tenente Alvaro Augusto de Carvalho, segundo uma relação de character official e, portanto, exacta. E' um acto de justiça e de homenagem inscrever os nomes e renovar a memoria desses bravos companheiros do inclyto chefe Barroso. Cada navio trazia forças do exercito, as quaes tomaram parte na peleja.

No primeiro encontro e combate, a esquadra brasileira havia, a despeito das difficuldades de toda a especie, le-

vado vantagem sobre a inimiga; porém a lucta não podia parar nesse ponto, urgia terminal-a por uma completa victoria, que não deixasse ao Paraguay, sinão o aniquilamento de sua força maritima. Esse pensamento refluiu e fervia no cerebro do chefe Barroso.

Já se tinham dado varias peripecias, renhida lucta; já haviam tombado mortos e feridos. O drama encaminhava-se ao desenlace, tendo começado ás 9 horas da manhã, quando o commandante Meza descia apressadamente para metter-se debaixo da protecção da linha da barranca de Riachuelo.

Já eram 2 horas da tarde; a noite viria, naturalmente, separar os contendores, e desta sorte, a batalha ficaria indecisa. Parece que todas estas idéas agitavam as emoções, e varavam na alma do almirante Barroso, como se fôsem fulmineas farpas, incitando-o a desfechar o snpremo e terrível golpe.

Barroso ordenou que a *Amazonas* subisse; tomou todas as providencias; concentron os fogos; enfim, preparou-se a destruir o inimigo duma vez e de mais perto que pudesse. Acompanhavam-no cinco vasos da esquadra. O *Fequitinhonha* jazia encalhado; a *Parnahyba* atarefada com a abordagem do *Taquary*, do *Salto Oriental* e do *Marquez d'Olinda* e, assim atacada por todos os lados, resistia com extremo valor. O commandante Meza, quando viu approximar-se a *Amazonas*, abandonou a *Parnahyba* e como que partiu em retirada.

No segundo e decisivo combate, que foi travado com a frota paraguaya, auxiliada efficaamente pelas fortificações da barranca e pelas chatas, a lucta foi longa, furiosa, mortifera e horrível. Seria coisa interessante e curiosa narrar todas as phases dessa pugna: descrever as abordagens; reproduzir o quadro dos horrores; pintar do vivo as scenas de heroismo, do furor combatente; porém não caberia no limitado plano dessa noticia, que, principalmente, deve limitar-se a evocar a sublime e grandiosa imagem desse dia, já envolta nos véos calliginosos do tempo, que — inexoravel — tudo devora, até apaga e oblitera na memoria humana. Ver-se-ia, então, Marcilio Dias, por exemplo, sósinho, empunhando afiada machadinha, bater-se contra um grupo de feras paraguayas, que o accommettem e o acutilam barbaramente, mas o heroico marujo brasileiro lucta, fere, mata e esmaga muitos dos valentes e impavidos contendores e sómente deixou de resistir e vencer, quando tombou ferido e moribundo por sobre as taboas do convéz do navio.

Na altura da ponta de S. Catharina, já dentro do canal, rompe o fogo vivissimo, de parte a parte, no segundo combate. Nessa occasião, o chefe Bar-

roso pergunta ao pratico Gustavoino— teremos agua bastante para chegar com a prôa da *Amazonas*? Ouvindo a affirmativa, ordenou ao commandante que corresse a toda força e abalroasse as embarcações paraguayas. Logo a *Amazonas* investiu contra ellas e, primeiro, levou de rojo a *Fejuy*, que ficou aniquilada e cuja guarnição atirou-se na agua, fugindo precipitadamente. O chefe Barroso exclama— *o beijo com o beque não foi máu; precisamos dar outros...*

O commandante Meza acha-se á frente da *Yporá*, *Pirabebe*, *Igurey*, tentando, pela ultima vez, abordar o *Fequitinhonha* immovel e encalhado. O *Salto Oriental* e o *Marquez d'Olinda* estavam quasi inutilisados, abrindo agua pelos golpes que lhe déra a *Parnahyba*, quando se esforçavam em aprisional-a.

O commandante Meza, após tentar aquelle ataque á *Parnahyba* e ao *Fequitinhonha*, foi ferido gravemente no hombro; passou a direcção da frota paraguaya ao sub-chefe Cabral. A peleja continuava e a *Amazonas* dominava cabalmente a situação. Já havia mettido a pique o *Fejuy*; depois, investe contra o vapor *Marquez d'Olinda*, e o aniquila; passou ao vapor *Salto*, e o inutilisa de cabo a rabo. A manobra, usada pela prôa da *Amazonas*, reduziu as forças inimigas á impossibilidade de obter qualquer triumpho.

Eis ahí porque o chefe Barroso diz em seu relatorio: «os quatro vapores restantes do inimigo, vendo a manobra, que eu praticava e que estava disposto a fazer-lhes o mesmo, trataram de fugir rio acima. Em seguimento ao terceiro vapor destruido, aprôei a uma chata, que com o choque e um tiro foi a pique. Todas estas manobras eram feitas pela *Amazonas* debaixo do mais vivo fogo, quer dos navios e das chatas, como das baterias de terra e mosqueteria de mais de duas mil espingardas. A minlia tenção era destruir por esta fórma toda a esquadra paraguaya, do que andar para baixo e para cima, porque mais cedo, ou mais tarde, haviamos de encalhar por ser naquella localidade o canal muito estreito. Sinto e sentirei os quatro, que se escaparam, que teriam o mesmo fim e a gloria teria sido completa. O que posso afirmar, (continúa o heroico e modesto chefe Barroso) é que fôram bem convidados. Acharam-se enganados; os quatro, que escaparam, iriam mostrar ao desposta Lopez a maneira por que fôram obsequiados, etc. etc.»

Assim terminou-se essa tremenda batalha, que parece fabulosa, attendendo-se nas innumeradas difficuldades do theatro da acção; na tortuosidade do curso do rio, na estreiteza do canal, na linha da barranca, nas baterias e fuzilaria de terra, no risco de enca-

lhar a todo momento, na audacia furiosa do inimigo.

No tempo em que se realisou essa grandiosa e brillante epopéa do heroismo da marinha brasileira, por toda parte, no Brazil, glorificaram o nome de Barroso e os de seus bravos e invictos companheiros. Nos paizes da culta Europa e da America do Norte, a batalha de Riachuelo foi considerada um prodigio de pericia militar e de extraordinario e admiravel audacia.

Esta batalha, devéras, deve ser uma das mais preciosas gemmas que refulgem no diadema de gloria, cingindo a fronte da marinha nacional, entre virentes louros de triumphos.

A gloria que, em Riachuelo, Barroso e seus bravos irmãos d'armas souberam dar ao Brazil, não se arrefecerá jámais e ha de perpetuar-se na memoria das gerações vindouras, que, isentas de mesquinhas paixões geradas no conflicto de interesses rivaes, sómente admirarão a temeridade de inexcedivel heroismo.

Em verdade, aquella batalha foi, talvez, um dos mais notaveis successos da diuturna guerra, em que se immortalisaram os nomes de Osorio, Caxias, Joaquim José Ignacio, Barroso, Tamandaré, Pedra, Argollo, Moniz e Barros, Marcilio Dias e muitos outros, dignos do culto do patriotismo. Seria longo enumerar os valentes *cruzados* da causa da civilisação e da liberdade, os quaes, vingando a honra da terra brasileira, emanciparam um povo barbaramente opprimido por um despota cruel. Entre aquelles esforçados lidadores, avultava o marechal conde d'Eu, cujos meritos e valorosos feitos a verdade historica, a justiça da consciencia humana, a gratidão nacional não pódem olvidar e menos eliminar das narrativas desta guerra, como bem comprehendeu um distincto e bravo militar, que fez a campanha inteira e hoje nos traça o quadro dessas luctas homericas: — *o joven principe d'Orleans, o bravo marechal de exercito, o sr. conde d'Eu, se revelou um dos nossos melhores generaes, não só pela sua bravura, peculiar á raça de Henrique IV como por elevadas qualidades de commando, entre as quaes destacava-se a rapidez dos movimentos e a certeza dos golpes estrategicos.* (2)

A historia apreciará esse depoimento, de alto valor, duma testemunha insuspeita, exprimindo a opinião e o sentimento geral do exercito brasileiro.

A batalha de Riachuelo, si, por um lado, poz, em fulgurante relevo, o incontestavel merito e valor dos nautas brasileiros, por outro lado o seu feliz exito arrancou a Solano Lopez os meios de communicar-se com os povos estrangeiros e de prover-se de recursos

bellicos; finalmente a enclausurou, como que insultado e enfraquecido, no interior das regiões do Rio da Prata.

Resultados tão proficuos fôram, com justiça e criterio, apreciados pelos contemporaneos: a respeito delles, a historia não tem que tirar induções, nem fazer engenhosas conjecturas: é seu dever consagrar o juizo da geração, que os julgou com suprema competencia. Todavia, dirá que a nação brasileira, em consequencia dessa terrivel guerra de cinco annos, desesperada de combater, acabrunhada de fadiga, muito soffreu e envolveu-se nos véos da morte, contemplando, impassivel, as obras de destruição e de ruinas... até da propria sociedade, em que vivia...

A marinha, durante a lucta com o Paraguay, aquinhoou dos perigos e compartiu dos louros e dos mesmos sentimentos; foi brilhante modelo de bravura, de abnegação e de patriotismo, cujas fulgores ainda estão araiando os successores dos Barroso, Tamandaré, J. J. Ignacio, Mariz e Barros, Greenhalgh, Raymundo de Brito e de Elisiario Barbosa, de quem um dos nossos eminentes estadistas escreveu — *adorna-se com legitima decoração de guerra e que faz concentrar nos campeões, que affrontam a morte e sobrevivem o respeito e a gratidão, que se tributa aos que perecem na lucta, victimas da honra e do dever.* (3)

Florescente, bem aparelhada e habilmente preparada, dispondo de fortes e convenientes elementos, (contraste da actual penuria) outr'ora, a marinha desempenhou galhardamente a sua nobilissima e ardua missão (4); nobilitou e honrou a Patria, praticando prodigiosa façanha, a qual, evidentemente, foi tambem um relevantissimo serviço: — tal é a recordação, tal a grandeza do dia 11 de junho.

EUNAPIO DEIRÓ.

(Conclusão).

(1) O livro de Schneider sobre a guerra foi annotado, corrigido e refutado lucida e vigorosamente, pelo barão do Rio Branco.

(2) General Dionysio Cerqueira — *Reminiscencias de Campanha*; vide n. 34, pag. 338, dos *Annaes*, revista a que a Historia deve as curiosas e notaveis contribuições do illustre soldado.

(3) Palavras do visconde de Ouro Preto, quando ministro da marinha.

(4) Vide o livro — *A marinha d'Outr'ora* pelo visconde de Ouro Preto.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### GLORIA IN EXCELSIS

Alas! que passa o defensor estrenuo  
Do bom nome e da honra do Brazil,  
Vai para a grande sombra, em paz insolita,  
Seu peito varonil

Filho do povo, ergueu-se a uma alta gloria,  
Mas sempre popular,  
Qual procellosa vaga aos céos eleva-se  
E não deixa, ainda assim, de ser o Mar.

A sua terra amou como um fanatico...  
E morto agóra está.  
Seu nobre coração, parado pendulo,  
Nunca mais baterá.

Alas e continencias a esse feretro!  
Grandes Mortos da Historia, recebei  
O paladino sem temor nem macula,  
O frio, o austéro Defensor da Lei.

Soldado, tinha o heroismo placido,  
A tranquilla coragem do dever,  
Era um estoico: — a vida é coisa minima;  
Vale, é saber morrer.

Quando a Revolta — bando sanguinario —  
A's fraticidas armas se lançou  
E contra o seio as converteu da Patria,  
O seu braço de ferro a estrangulou.

Chóre no espaço a artilheria funebre,  
Unle dos canhões a rouca vóz,  
Alto este egregio cidadão deplora-se,  
Não por elle, por nós.

Tomba para o repouso o forte cerebro...  
Descance enfim que bem o mereceu,  
Pois já nessa cabeça agóra exanime  
Toda a nossa esperanza se acolheu.

Alas ó Mocidade! este pertence-nos!  
E para o protegermos dos baldões  
Dos cobardes, dos reprobos, ao prestito  
Façam alas os nossos corações!

Já da Immortalidade abre-se o portico...  
Constellado das lagrimas de dôr,  
Das saudades, das benções da Republica,  
Entra na Historia o Consolidador.

LUCIO DE MENDONÇA.

\* \*

### O GRANDE MORTO

No *Paiz*, de 1 de julho de 1895, escreveu o sr. Alfredo Varela o seguinte artigo, que reproduzimos hoje, anniversario da morte do marechal Floriano.

\* \*

«A acção dissolvente de d. Pedro II levava a nacionalidade á ruina pela derrocada dos caracteres e pasmoso desenvolvimento da corrupção, e á anarchia, pelo descredito de toda a auctoridade, quando o exercito, espousando a causa nacional, mudou as instituições a 15 de novembro, conforme era desejado pela quasi unanimidade dos brazileiros, como meio de pôr um termo ao descaminho em que ia o *Paiz*. O governo provisorio, presidido por um homem genoroso de alma, mas destituído de qualidades directi-

vas, entendeu que a simples mudança de normas politicas casacterisava assás a nova ordem de coisas, e deixou tudo correr á medida dos habitos anteriores, não cuidando de abroquelar convenientemente o poder publico, consentindo que persistisse a licença em que nos deixára, para reinar, o segundo Imperador, e abrindo os braços magnanimamente a individuos suspeitos, perigosos á nova situação, pela sua radical incompatibilidade com o regimen livre, prostituidos como se haviam nas miserias do baixo imperio, de cujos attentados tinham sido os principaes agentes.

Esta fraqueza do governo provisorio ficou logo patente na campanha que contra elle abriram todos os que se viam insatisfeitos nas suas pretenções ou planos: era o mesmo ataque ao poder em tempo de d. Pedro, a mesma irreverencia, a mesma provocação, o mesmo atrevimento demagogico, a mesma ameaça anarchista! Ninguem se limitava a criticar serenamente, respeitosa, de maneira a colaborar na obra da reconstrucção politica, corrigindo-se erros parciais, sem por isso menoscar-se o principio da auctoridade, garantia de tudo e de todos!

Esta grita insolente e perturbadora cessou passageiramente quando o diluvio das concessões, despertando a sede do ganho, fez calar na consciencia envilecida dos prohomens do velho regimen o amor que tinham a este.

Porém aquelle *sabbath*, afinal, teve um termo, resultando que ficaram pobres todos os que, por menos esperados, a tempo se não tinham retirado da orgia bolsista. Coincidia isto com a queda do marechal Deodoro, deante da revolta contra o golpe de Estado, facto que desencadeára no *Paiz* o já mal contido anarchismo, que lavrava de ha tanto mas sem a violencia com que explodiu. Foi uma catastrophe: de um lado, a miseria publica, depois da infrene jogatina; do outro, as furias da desordem: o desmantelamento geral.

A praça do Rio de Janeiro, a braços com tremenda crise, impondo quasi ao governo que lhe desse dinheiro para especular; convulsos os Estados, gemendo um delles, o do Rio Grande, sob o torvo desgoverno de um bando

de assassinos, afadigados em derramar sangue, enquanto lhe não era chegado de derramar sobre a companhia todas as graças da cornucopia governamental. Era este o quadro miserando que offerencia o Brazil quando surgiu o benemerito marechal Floriano Peixoto. A principio, hesitou: velho soldado, sem tirocinio politico e ainda sem bastante prestigio para dirigir sósinho, andou, por algum tempo, á feição dos magnatas dominantes depois de 23 de novembro.

Mas, um acontecimento extraordinario, ao passo que lhe fortalecia o governo, descobria os perigos todos da crise, desvendava por completo o abysmo em que a anarchia nos queria precipitar: a revolução rio-grandense. O grande presidente, deante da extensão pavorosa do mal que ha tanto enfermava o Paiz, dispoz-se a combater-o corajosamente, pondo um freio ao espirito de rebeldia que se generalisava e era já em armas no sul; ao mesmo tempo que, no Rio de Janeiro, montava guarda no Thezouro, que planejavam assaltar os esfaimados da Bolsa—o que conjurou contra elle toda essa massa hecterogenea dos jogadores, dali em deante em plena confraternidade com os sublevados.

A attitude resoluta do chefe do Estado determinou a saída do governo de gente que allí mesmo estava conspirando e traíndo, e desde logo discriminaram-se os campos antagonistas: de uma parte, o presidente com todos os amigos do bem publico, a lei com os republicanos; do outro, os despeitados desse partido, em conluio com o monarchismo, com toda a classe de reactores: de uma parte, o principio da auctoridade apoiado por todos os elementos bons; de outro, o amalgama de todos os odios e de todos os interesses inconfessaveis, a anarchia, a desordem, a borra sobrenadando, neste fervilhar de sociedades, de epochas de confusão, em que os máus, como fêzes, pairam á tona.

Era urgente agir com efficacia, pois agóra não havia a combater apenas a desobediencia que entrára nos habitos publicos; era preciso dar batalha aos perturbadores arregimentados para a obra do subvertimento das instituições vigentes, e o grande soldado, com aquelle soberbo sangue frio que foi admirado nos campos do Para-

guay. enfrentou calmamente a tempestade, tomou do leme com a mesma atrevida coragem do gigante que no sul se empenhava em igual faina salvadora, conseguindo ambos evitar, no meio de ingentes difficuldades, um verdadeiro naufragio nacional!

Muito embóra as ondas da borrasca restauradora avassalasse dois Estados, levantando-se ameaçadoras em frente da propria capital da Republica, não se alterou um momento o animo forte do varão illustre, e quando tudo parecia ceder ao vigor da sorte, ao impeto do cataclismo, quando os companheiros de jornada desalentavam, a pertinacia civica do immortal Floriano jámais esmoreceu!

Um momento houve em que se pôde dizer que o mundo inteiro julgou perdida a bôa causa, tal era a furia da refréga, mal se percebendo, no seio do oceano revolto e negro, sobre que se tiuham desencadeado todos os furores do tremendo inferno, a náu do Estado, assoberbada pelas vagas, quasi submersa!

Mas o intrepido timoneiro, secundado pelo alto civismo e grande tino politico do eminente Julio de Castilhos, e, assistido pela dedicação republicana do joven Brazil, logrou vencer, dominando todos os elementos, serenando o Paiz, pondo a salvo a ordem, prestigiada por um brilhante triumpho a auctoridade, que fôra parar, quasi exanime, nas suas mãos! E' esta sua immensa gloria, que o colloca ao lado dos grandes vultos historicos.

Por mais que estúpido odio queira encobril-o, seus serviços resplandecem nos annaes desta Patria, que tanto amou! Como segundo pae da Republica, o progresso humano deve-lhe o incomparavel serviço de haver livrado este povo das garras de uma dynastia atrazada, cujo reenthronisamento seria o signal de espantosas perseguições e serio recúo na marcha evolutiva de uma nação, fadada a nobres destinos.

Para toda alma dignamente conservadora, o passamento desse notavel estadista é perda que não ha como reparar.

O partido nacional genuino, o partido que a todo custo pretende constituir um Brazil livre e independente, perdeu seu chefe!

Todos os corações que estremecem de amor pela patria estão de lucto e procuram anciosos descobrir quem substitúa o grande morto, quem capitaneie a velha guarda, agóra sem o seu querido porta-bandeira!

E esta só interrogação, que transparece no olhar de todos os que se preocupam com a sorte da Republica, basta para dar a justa medida do valor do benemerito brasileiro e do vacuo impreeuchivel que hontem se abriu no seio da nossa nacionalidade, hoje coberta de crepe e penetrada de dôr!

ALFREDO VARELA.

—  
O ALMIRANTE (37)  
—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—  
CAPITULO XVII

Muito carinhosa, muito solícita, junto da marquezia, ouvindo com interesse os conceitos do conselheiro, as ponderações de d. Eugenia e as opiniões do barão, sempre alegre e desembaraçado, quando não estava na presença da mulher, Dolores não perdia de vista o grupo de moças, no qual se destacava a figura de Amelia, com o seu porte e traços distinctos, sombreados de um ligeiro toque de serenidade que lhe dava extraordinario prestigio, a superioridade da educação, das maneiras e uma certa energia destoando da vulgaridade feminina tão característica em nossos costumes.

Dolores sentia essa superioridade; sentia-se amesquinhada deante de Amelia, e por isso não lhe perdoava a sobrançeria e os modos seccos, a denunciarem entre as duas a influencia do contraste que é sempre um factor de repulsão, de odio entre as mulheres. Ella suspeitava em Amelia um adversario implacavel, de contactos aggressivos, de sorrisos perfidos, de olhares mordentes de ironia.

Naquelle momento, porém, toda a sua attenção convergia para a attitude do dr. Sergio de Lima, muito notado e muito querido nas rodas officiaes, indicado para representar um Estado do norte na Constituinte, graças á influencia de um velho e bravo militar, figura de grande relevo na revolução de 15 de novembro.

—Que me diz do Sergio—perguntou ella ao advogado Souza e Mello.

—Bom moço, muito esperançoso—respondeu elle—e muito de molde para fazer carreira neste descalabro.

—Parece—replicou Dolores, á puridade—que está muito caído por uma das meninas...

E accentuou a ultima palavra em que comprehendia Amelia, em cujos cabellos ondeados surgiam alguns fios de prata.

—Bello partido para Amelia—continuou ella, ironica—Que lhe parece?

—Amelia é um magnifico partido para um homem superior. O Sergio, porém, parece inclinado para.

—Para Hortencia? ..

—Está continuando o idyllio, que começou na roça.

—O senhor tambem notou?...

—Eu, minha senhora, se bem que que não seja profissional, não sou indifferente aos effluvios luminosos dos corações que se approximam.

—Mas esses effluvios nunca penetraram o seu peito de celibatario impenitente.

—E' verdade. Por desgraça ou por felicidade, nunca se me abrazou o coração. Esperei calmo a minha hora; mas o tempo foi correndo. Quando dei por mim, estava velho: era um preterido, ou um condemnado... O meu direito ao quinhão de felicidade que sómente o amor pôde dar, tinha caído em commisso; estava prescripto.

—Engano, meu caro. O senhor ainda pôde aspirar. Está bem conservado; é um homem robusto; rico de espirito e de haveres. Falta-lhe a mulhersinha, uma companheira carinhosa, um aujo...

—Ou um demonio.

—Ora, diga-me: não seria Amelia uma esposa de contentar os mais exigentes? não é, como acabou de dizer, magnifico partido para um homem superior?

—Não ha duvida, mas não é o meu caso. Seria uma união desigual: eu, um velhote rabujento; ella, uma creança...

—Creança? Onde vão os trinta annos?

Toda a vez que estava na intimidade do advogado, Dolores tomava a liberdade de lhe falar nesse escabroso assumpto e elle deixava-se levar, condescendente, como se lhe não desagradassem os meios, que ella empregava para arrastal-o ao matrimonio como uma rez ao matadouro.

Do outro lado da sala, uma senhora insinuava a d. Eugenia que aquella intimidade parecia um escandalo e dava razão ao que se dizia de Dolores, das suas maneiras desenvoltas, sempre mettida em rodas de homens, de politicos, principalmente depois da proclamação da Republica, um governo de gente á tôa. D. Eugenia não replicou: tomára a deliberação de se abster, completamente, das usuaes invectivas á politica e aos seus próceres, consagrando-se, exclusivamente, ao plano de concertar a vida complicada, sacrificada pela desinteressada abnegação do conselheiro, um verdadeiro martyr.

Dolores se approximou, conduzindo o advogado pelo braço.

—Ainda não perdera a esperauça—disse ella, sorrindo—de conquistar esse nosso amigo.

—Não será difficil—murmurou a outra senhora, que piscou, maliciosamente, um olho.

—E' um recalcitrante—tornou Dolores.

—Imaginem as senhoras—atallhou Souza e Mello, sorrindo—que Dolores emprehendeu duas coisas impossiveis, dois trabalhos de Hercules: agrilhoar-me ao matrimonio e metter-me na politica.

—Do primeiro estou quasi desengañada—replicou Dolores—este homem não tem coração; do segundo, nutro ainda esperanças, apezar da teimosia que me tem opposto. Se os velhos republicanos, se os republicanos historicos, como este e o Dadá, abandonam a politica, não será para admirar que ella andé mal, entregue aos adhesistas.

—Aos homens sem character—ajuntou Souza e Mello.

—Essa historia de character—ponderou d. Eugenia—é um luxo dos independentes, dos que não têm responsabilidades, não têm familia... Além disso, pôde-se mudar de opinião... Aqui está o dr. Souza e Mello, que era um republicano vermelho e passou para a monarchia: ninguem pôde accusal-o de fraqueza de character...

—O argumento é de primeira ordem—murmurou Souza e Mello, surprehendido com as idéas de d. Eugenia...

—Sem duvida—acrescentou Dolores—toda a gente, a grande maioria está peusando assim; estão todos submettidos ao facto consumado. Eu quizera que se approximassem do marechal e vissem, como eu, os homens que se vão chegando sem escrupulos, sem cerimonia, completamente esquecidos do passado de hontem. Os adhesistas mais humildes são os de mais alta posição na monarchia: estavam habituados ao calor do governo, ás proximidades do poder.

E, para illustrar as suas asserções, Dolores relatou o caso de um conselheiro de estado, homem de nobreza inequivoca e da mais alta posição na justiça da monarchia, um cidadão por todos os titulos respeitavel, o qual todas as manhãs fazia uma carinhosa visita ao marechal, levando-lhe, cuidadosamente embrulhadas num grande lenço de sêda, duas garrafas de leite.

—Todos os dias—continuou Dolores—muito cedinho, apparece aquella figura respeitavel, sorrindo com a ingenuidade de uma creança e passa ás mãos do marechal as duas garrafas. Aqui tem meu querido marechal, diz elle—este leite que eu todas as manhãs ordenho de uma vacca mineira,

muito novinha e muito sadia, uma beleza no genero. Não confio aos creados esse delicado trabalho. Verá como é saboroso este leite especial, muito differente desse que por ali vendem falsificado... O marechal se desmancha em agradecimentos e o bom velho se prolonga em protestos de amizade, de solicitude pelo heróe, pelo homem que tem nas mãos os destinos da Patria, a responsabilidade de concertar os erros do extincto regimen. E' natural que todos os brazileiros dos mais humildes aos mais eminentes, se interessem pela saúde desse homem predestinado enviado pela Providencia para operar, sem sangue, sem commoções violentas, essa transformação inevitavel da politica.

D. Eugenia ouvia, impressionada, a narrativa de Dolores, que concluiu sentenciosamente:

—Ninguem censura o venerando velho que leva o leite ao marechal Deodoro; antes, pelo contrario, com esse acto de solicitude, todo o mundo reconhece que elle dá um exemplo de patriotismo desinteressado.

—Ouvi referir esse caso—observou Souza e Mello—mas julguei que era uma das muitas calumnias propaladas contra os homens respeitaveis para desmoralisar aquelles que deviam ser os conservadores das tradições do Imperio.

—Parece anedocta—ponderou d. Eugenia.

—E' uma verdade—replicou Dolores—um facto que eu mesma verifiquei.

—Nada me admira, nada é impossivel nesta crise—tornou Souza e Mello.

Nesse momento, houve, no grupo de moças, um movimento de alvoroço: Oscar assomára á porta do salão e se dirigia para a marquezia de Uberaba, que lhe estendia, sorridente, a delicada mão emagrecida. Laura e Hortencia lhe fôram ao encontro, ao passo que Amelia se manteve no seu lugar, aguardando a homenagem que elle não demorou em prestar-lhe, com uma amabilidade cheia de distincção.

Oscar não podia dissimular a fadiga do excessivo trabalho que lhe fôra confiado pelo ministro da Marinha, em cujo estado-maior era elle a figura dominante. Essa honrosissima posição o forçava a se fixar na secretaria aguardando os resultados, as deliberações das conferencias do governo provisório, conferencias muito frequentes, muito dilatadas, prolongando-se, ás vezes, até alta noite.

A marquezia se conformára a essa alteração dos seus habitos, por entender que Oscar devia empenhar todos os meios de lealdade, de dedicação ao seu amigo Wandelkolk, para não interromper a brilhante carreira, que lhe fôra vaticinada pelo Imperador. Nos

destroços deixados em seu espirito pelo desastre, no meio das mais pungentes decepções, do desmoronamento da monarchia, bruxoleava ainda a esperança na resurreição por um movimento inesperado, por um milagre da gratidão popular, reparando o revoltante crime. Ella onvia, impassivel, as narrativas de Dolores, as objurgatorias de Souza e Mello, as previsões optimistas do conselheiro a denunciarem um periodo de agitação ephemera, sem elementos para se fixar numa organização vigorosa, estavel, capaz de resistir ás reacções das ambições intemperantes, aos descontentamentos da demagogia sopitada em suas tendencias naturais, nos seus excessos pelo espirito conservador do valoroso soldado fundador da Republica. Com secreta alegria, ella notava os assomos de rebeldia das tropas de mar e terra, a conspiração tramada contra Deodoro, contra Benjamin Constant, em cuja pasta—disséra-lhe Dolores, muito em segredo—estavam lavrados decretos, punindo com a infamante pena de expulsão do exercito alguns officiaes desgostosos. Eram symptomas de fermentação precoce, ameaçando de decomposição a obra de loucos; num momento de allucinação, obra sem alicerces, sem bases, sem robustez para resistir ás intemperies da politica. Dentro de um anno, mais cedo, talvez, do que esperava, aquella monstruosidade mordia num pantano de sangue; seria, então, indispensavel a collaboração dos fieis, dos verdadeiros patriotas, para o benemerito trabalho da restauração, da dignificação nacional.

A marquezia tinha absoluta fé no futuro; esperava, como um sebastianista, a volta inopinada do seu rei, surgido na bahia de Guanabara, conduzido por uma esquadra commandada pelo *almirante* Oscar, a saudar a terra ingrata, a receber, ao ribombar dos canhões das fortalezas, acompanhando as colossaes vibrações da alma popular, a homenagem do arrependimento sincero. Ella alimentava, carinhosamente, a doce esperança de consagrar as suas derradeiras energias á victoria da causa da dynastia deposta, victoria que seria a das tradições de honra do Brazil. E Oscar seria o instrumento, partiria d'elle o impulso decisivo, o golpe mortal; elle seria o heróe da reivindicação gloriosa.

(Continúa).

DIVERSÕES

XADREZ

Ao Club dos Diarios

Solicitados por alguns amadores, fazemos ao Club dos Diarios um appello, para que aproveitando a admiravel estação que

estamos gozando, organise um torneio *handicap*, a exemplo do que fez, com estrondoso successo, ha trez annos.

E' este o melhor meio de estimular voçações e de apurar o merito real dos enxadristas de reputação firmada.

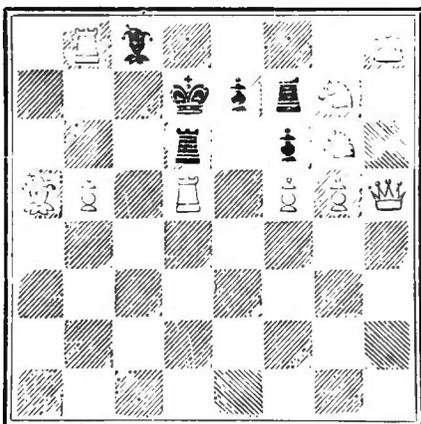
O Club dos Diarios possúe um magnifico salão de xadrez, installado com gosto e conforto. E, como não temos um club de xadrez, a elle compete tomar no Brazil a iniciativa do desenvolvimento do admiravel jogo.

No torneio de 1902, o dr. Caldas Vianna, que dava a todos os concorrentes os partidos de pião e lance, cavallo e torre, conforme a categoria em que estavam classificados, obteve o 1º lugar, após luctas que ficaram memoraveis; o dr. Souza Campos — o 2º e o dr. José Piza — o 3º, sendo que estes dois fortes jogadores chegaram *ex equo* e desempataram em duas partidas, em que Souza Campos foi victorioso.

Aqui fica o appello, que, contamos, será attendido.

PROBLEMA Nº 7—Jones (Cincinnati)

PRETAS (6)



BRANCAS (10)—Mate em dois lances

PARTIDA Nº 7

PARTIDA FRANCEZA

Branças (Poplawski)	Pretas (Dr. Lewitt)
P 4 R	— 1 — P 4 R
P 4 D	— 2 — P 4 D
C 3 B D	— 3 — C 3 B R
B 5 C R	— 4 — B 2 R
P 5 R	— 5 — C R 2 D
B X B	— 6 — D X B
C 5 C D	— 7 — D 1 D (a)
P 4 B D	— 8 — P 3 T D
C 3 B D	— 9 — P X P
B X P	— 10 — P 4 B D
P X P	— 11 — D 2 B D
P 4 B R	— 12 — D X P B
C 4 R	— 13 — D 6 R x (b)
D 2 R	— 14 — D X P
C 6 D x	— 15 — R 2 R
C 3 B R	— 16 — C 3 B D
Roque	— 17 — C (3 B) X P
C X C	— 18 — D 5 D x
R 1 T	— 19 — C X C
T D 1 D	— 20 — D 4 B D
D X C (c)	— 21 — D X D
T X P x	— 22 — R 1 D
C 5 B R x (d)	— 23 — B 2 D (d)
T (1 D) X B x	— 24 — R 1 R
C X P x	— 25 — D X C
T X D	— 26 — T 1 B D (e)
T (7 D) 7 R x	— 27 — R 1 B
T (7 C) 7 B x	— 28 — R 1 C
B X P (f)	— 29 — T 8 B x
T 1 B R (mate)	— 30 —

- (a) Seria melhor C 3 C D.
- (b) Se D X B, as P perdem a D.
- (c) Este admiravel sacrificio acarreta a perda irremissivel das P
- (d) Se R 1 R, mate em dois lances.
- (e) Ameaçando mate, se B X P.
- (f) E' elegantissimo este final.

ERRATA — O problema nº 6, de Heathcote, safu com um erro: o pião a 2 R é branco e não preto. Por isso, não damos neste numero a solução.

Srs. Tacito e Lipman. — Recebemos e vamos examinar.

JOSÉ GETULIO.

APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, muito distincto poeta brasileiro, auctor dos versos do Hymno da Republica, hymno que, parece, tem sido a *mascotte* bemfazeja que acompanha os passos das instituições vigentes e felicitantes, dando-lhes esse brilho, essa harmonia, essa grandeza, e que

Vem remir do mais torpe labéo

o passado, substituinto-o por umas duzias de labéos mais civilisados e mais conforme á letra do hymno.

Esse nosso Rouget de L'Isle, cujos descantes téem arrastado as massas patrioticas ao assalto febril das posições rendosas, é, outrosim, um jornalista de justa nomeada, habil e rapido na polemica, elegante e leve na maneira de eucarar as questões aridas, e muito entendido nos assumptos de que entende.

Como critico, é o Papão dos meninos litteratos. Esses iucipientes, acostumados á critica nativista do legendario sr. Sylvio Romero, á pontificação do sr. Verissimo e ás subtilidades anglo-saxonicas do sr. Araripe, desapontam, desnorream, com a critica de detalhes, o estylo pão, pão, queijo, queijo, do eminente sr. Medeiros, e querem-lhe o mal, téem-lhe o terror que os pequenos sertanejos votam ao *Curupira*, o duende das mattas primitivas do norte.

O sr. Medeiros, entretanto, é quem melhor conhece o valor da nossa litteratura, e o que significam essas centenas de jovens sonetistas, mais abundantes que coroneis da guarda nacional. Não se faz mistér dar tratos á bola para critical-os, é puchar-lhes as orelhas e apontar-lhes as vírgulas que faltam, mesmo porque, Criticas, o sr. Medeiros e Albuquerque não as tem feito até hoje, que me conste.

## CAIR DO AZUL

Deixa escutar-te as musicas do peito.  
 Suspirosa creança.  
 Por certo eu não te entendo. Com effeito!  
 Nem mais cuidas da trança,  
 Dessa trança gentil e tentadora,  
 Que de minha alma fez, com certo gesto,  
 Uma alma peccadora.

Muito me custa crêr. Mas a verdade  
 E' que essas más leituras que fizeste,  
 Doce lyrio celeste,  
 De romances á tôa, de novellas,  
 Em vigílias febris por noites bellas,  
 O' pallida cecem,  
 Essa tranquillidade  
 Do coração roubaram-te tambem.

Vejo que choras, dizes tu que me amas  
 Com amor insensato,  
 Um amor que poria em 'spalhafato,  
 A arder em chammas,  
 Uma cidade, uma provincia, um mundo ;  
 Amor, que levaria ao mar profundo,  
 Aos terminos da terra,  
 A' immensidade, ao céu,  
 Movendo incendio, guerra,  
 Em conquista dum premio—o amor meu !

Eu vejo, minha amiga,  
 Queres fazer de mim o teu Corsario,  
 Ou uma especie de sombrio Lara,  
 Misturado de Hamlet, figura rara,  
 Um typo grande e vario,  
 Alguma coisa como estatua antiga  
 De um grande heróe, ou Deus,  
 Meio banhada em luz e meio á sombra,  
 Entre velhas arcadas, sobre a alfombra,  
 A qual, ao beijos teus,  
 Se animasse e, de subito vibrada  
 Por enorme paixão ciclopica, infernal,  
 Te arrebatasse, branca, desgrenhada,  
 Num deliquio mortal,  
 Para um paiz distante, exotico, ignorado,  
 Cheio de vibrações estranhas, encantadas,  
 Onde, pelas serenas madrugadas,  
 Tu dormisses ao collo do gigante,  
 Como timida amante  
 Que surprehendera a aurora estremunhada ;  
 Enfim, mundo idéal,  
 Em que vivesses vida das essencias,  
 Uma vida immortal.

Mas queres muito, filha.  
 Bem vês, não posso tanto,  
 Não tenho longo manto,  
 Nem doce guitarrilha.  
 Não possúo uma espada, nem sombrero ;  
 Sou um pobre diabo rotineiro,  
 Um simplorio burguez,  
 Sem chic e sem maneira,  
 Que tem levado a sua vida inteira  
 A esperar o freguez,  
 Por detrás dum balcão,  
 Onde, por certo, nem uma só vez,  
 Pisou o teu Corsario, ou d. João.  
 De enormes pés, de mão calosa e grossa,  
 Calço quarenta e trez.  
 Visto mal o meu frak domingueiro,

Nada tenho capaz de fazer mozza  
 No coração das bellas. Feiticeiro  
 Amor, enxuga as lagrimas ardentes ;  
 Os sonhos idéaes, sonhos frementes,  
 Que te escaldaram a cabeça leve,  
 Te levarão bem longe é muito breve.

Eu não posso seguir-te em teu caminho...  
 Cá tenho um negociinho,  
 Que me prende a attenção o dia inteiro :  
 Bem sabes, meu anjinho,  
 Tenho loja na esquina—eu sou vendeiro.

1905.

VIRGILIO BRIGIDO.

## O PROPHETA

(A H. MALAGUTI)

O Eden que a turba ignora e denomina futil,  
 Tem o encanto, o esplendor de um continente novo ;  
 O passado é um jazigo, e num symbolo inutil  
 Muitas vezes repousa o cadaver de um povo.

Prendo a investigações meu espirito ductil,  
 Si um hieroglypho acerto—uma lousa removo :  
 Com inédito brilho e ampla veste inconsutil,  
 Surge um Deus, arrastando uma Edade em renovo.

O archeologo penetra os arcanos da pedra,  
 E dos textos sem côr arrebatada a urdidura  
 De epopéas a Homero e poemas a Saavedra.

Mas o além ? o porvir ? De um simples grão, na obscura  
 Leiva em germen latente, uma floresta medra,  
 —Tal, do sonho do poeta a verdade futura.

1905.

LEAL DE SOUZA.

*(Bosque Sagrado)*

## O BEIJO

Inda agóra em lethargo, em pérfido quebranto,  
 Vivo depois do beijo ardente que me déste,  
 Mixto de espinho e flôr, mixto de aroma e peste,  
 Doce virus lethal de tenebroso encanto !

Havia no teu labio o meu riso e o meu pranto,  
 Como um seio e uma chaga a mesma seda veste,  
 E, ao beijar-te, transpúz uma porta celeste  
 Do paiz infernal em que me afundo tanto.

No subito clarão do meu deslumbramento,  
 Olhando em tua bocca um raro e estranho occaso,  
 Não cuidei que a meus pés surgia o meu tormento.

O' visão !... O' visão invencivel e forte !  
 Teu osculo, de bens e males rubro vaso,  
 Maculou dentro em mim o Sonho, o Amor, e a Morte !

1905.

OCTAVIO AUGUSTO.